

Larissa Alves Jorge
Leonardo Mendes Bezerra

Educação libertadora para
a não-coisificação
humana expressa em
micronarrativas ficcionais



HOME EDITORA

Larissa Alves Jorge
Leonardo Mendes Bezerra

**EDUCAÇÃO LIBERTADORA PARA
A NÃO-COISIFICAÇÃO HUMANA
EXPRESSA EM MICRONARRATIVAS
FICCIONAIS**

1ª Edição

Belém-PA
Home Editora
2023



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Me. Éfrem Colombo Vasconcelos Ribeiro-IFPA

Prof. Me. Jorge Carlos Silva-ULBRA

“Acreditamos que um mundo melhor se faz com a difusão do conhecimento científico”.

Equipe Home Editora

© 2023 Edição brasileira
by Home Editora

© 2023 Texto
by Autor

Todos os direitos reservados

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91984735110
Belém, Pará, Brasil

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Revisão, diagramação e capa

Autor

Bibliotecária

Janaína Ramos

Produtor editorial

Laiane Borges

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)



A939

Educação libertadora para a não-coisificação humana expressa em micronarrativas ficcionais / Larissa Alves Jorge, Leonardo Mendes Bezerra. – Belém: Home, 2023.

Livro em PDF
58p

ISBN 978-65-6089-011-4
DOI 10.46898/home.faba7544-4cba-4d4b-a9e1-0681499e5bd3

1. Educação. I. Jorge, Larissa Alves. II. Bezerra, Leonardo Mendes. III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
SOBRE A INVESTIGAÇÃO	7
SOBRE A COISIFICAÇÃO HUMANA	10
Primeira Micronarrativa – Corpos nus e o estímulo publicitário	14
Segunda Micronarrativa – Não, eu não sou mulher! Sou homem trans	23
SOBRE A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO	29
Terceira Micronarrativa – Humanizar os seres humanos?	30
SOBRE A EDUCAÇÃO HOLÍSTICA	39
Quarta Micronarrativa – As minhas várias indagações	39
Quinta Micronarrativa – Descubri isso com os universitários	45
REFERÊNCIAS	47
Referências Gerais	47
Referências Consultadas que Inspiraram as Micronarrativas	52
POSFÁCIO	54
SOBRE OS AUTORES	55

PREFÁCIO

Em tempos de “relações líquidas”, os autores da obra *Educação libertadora para a não-coisificação humana expressa em micronarrativas ficcionais* nos convidam a refletir sobre o processo de exploração do ser humano na atual sociedade que traz na sua gênese uma herança colonial europeia. De modo em geral, os europeus (portugueses e espanhóis) foram os principais responsáveis pela colonização da América Latina e marcaram o início das relações coloniais no continente americano, no século XVI.

Nesse contexto, essas relações foram caracterizadas por diversas formas de dominação e exploração, ou seja, os colonizadores controlavam todas as atividades e práticas desenvolvidas nas colônias, se valendo, principalmente, de mão de obra brutalmente explorada e extração de matéria-prima. Obviamente, todo esse processo de exploração resultou na acumulação de capital dos países europeus.

No século XX, esse processo de exploração do trabalhador se intensificou com o advento das tecnologias digitais e o fortalecimento do sistema capitalista que se acentua a partir da Revolução Industrial no século XVIII. Nesse contexto, o trabalhador é visto como uma mercadoria e também como um objeto a ser descartado no momento em que não tiver mais forças para produzir e gerar lucros. Convém destacar que o salário recebido pelos trabalhadores muitas vezes não contempla as necessidades básicas desses indivíduos, como por exemplo, moradia, lazer, etc. Tal situação configura a coisificação do ser humano e, conseqüentemente a alienação e o consumismo desenfreado.

Uma das características deste novo paradigma é agarrar-se ao transitório, leve, portátil: sinônimo de progresso, quanto menos sólido e mais fluido, melhor. Neste processo, fica evidente que os produtos e serviços têm prazo de validade, há sempre uma novidade em curso, nas vitrines, em lançamento. O presente é fugaz, o termo “longo prazo” está desaparecendo, somos seduzidos pela instantaneidade; aquilo que seduz em determinado momento será substituído por outro e assim sucessivamente.

Aquilo que não mais seduz nem encanta deve ser descartado, excluído, substituído em ritmo acelerado, descortinando-se um mundo provisório, efêmero, transitório. É como se todos estivessem numa eterna corrida cuja linha de chegada

está cada vez mais longínqua. Eis a síntese da primeira parte da obra: os autores nos apresentam uma bela narrativa (BEZERRA; CORRÊA, 2023; CORRÊA et. al., 2023) sobre a coisificação humana e suas nuances.

Na segunda parte da obra, somos desafiados a pensar sobre a educação libertadora como prática de desconstrução de regras, práticas e valores impostos aos oprimidos. Ao mesmo tempo que exploram os trabalhadores aprofundando o fosso entre dominantes e dominados, o sistema capitalista que se configura como excludente, controlador e alienante, valoriza um novo tipo de trabalhador, que seja capaz de realizar um trabalho com maior mobilidade, gerir situações de grupo e de se adaptar a novas situações, sempre pronto a aprender, um trabalhador mais informado e mais autônomo. Eis o paradoxo do século XXI.

Paulo Freire nos instiga a refletir sobre a necessidade do trabalhador se tornar um ser crítico e consciente enquanto agente de transformação social. Nesse sentido, uma educação libertadora deve se apoiar no tripé: dialogicidade, problematização e reflexão crítica, elementos estes tão necessários e urgentes, sobretudo, nos tempos atuais. Um dos pilares freiriano se assenta na ideia de que a educação deve priorizar o diálogo e ação e reflexão andam juntas, ou seja, são inseparáveis.

É indispensável romper com a “educação bancária” que segundo Paulo Freire, oprime, impossibilita o diálogo, domestifica e desumaniza os indivíduos, o que facilita a dominação. Como mudar essa realidade? É primordial uma pedagogia que possibilite o diálogo, que seja problematizadora e ancorada na reflexão permanente da realidade social e cultural, colaborando, assim, para a libertação dos oprimidos. Dito de outro modo, a educação libertadora é um processo político que objetiva fazer com que a classe dominada perceba sua opressão e busque sua liberdade gerando ações que transformem a realidade.

Na terceira parte, os autores discorrem sobre a importância da educação holística, enfatizam a necessidade de uma formação escolar que seja libertadora, sistêmica e ecológica. Destacam que o termo holismo se originou do grego *holos* e deve ser compreendido como todo, algo que está completo, o todo precisa das partes para existir e vice-versa. Assim sendo, o particular e universal, a fé e o conhecimento, a individualidade e o coletivo deixam de ser opostos.

Entretanto, no campo educacional ainda temos um longo caminho a percorrer, pois o currículo fragmenta os saberes em disciplinas isoladas e desconectadas. Urge

pensar novas formas de educar no contexto da “sociedade líquida”, onde as relações humanas são frágeis, o individualismo e o egoísmo causam uma verdadeira competição e nos fragmentam. Os indivíduos se sentem desorientados, incapazes de compreender a sociedade moderna, de certo modo aquilo que era familiar, confiável, agora causa estranheza, desassossego, inquietações.

Embora a sociedade moderna apresente diversas características consideradas positivas, é que se reconhecer também seu lado sombrio: crescimento do totalitarismo, dos desastres ambientais, exclusão social, crescente número de conflitos armados e ameaças de uma guerra nuclear, que provavelmente exterminaria a humanidade, pontua Giddens.

Em um mundo cada vez mais multifacetado e fragmentado, a educação holística busca resgatar o ser humano em sua totalidade, ou seja, compreender a complexidade humana. Morin, na obra *Sete saberes necessários à educação do futuro*, destaca que é indispensável promover uma educação que ensine compreender uns aos outros e a si mesmo. Outro ponto a ser ensinado diz respeito à nossa condição planetária.

É imperioso lutar por uma educação libertadora, holística e decolonial. É necessário dar voz aos oprimidos e excluídos que foram e são silenciados ao longo da história. Educar é um ato amoroso, e esperar é preciso! Por fim, a obra apresenta uma linguagem objetiva e clara, se constituindo uma leitura necessária em tempos tão nebulosos e conturbados.

Balsas, 18 de setembro de 2023.

Prof.^a Mestre Vanessa Nunes da Silva
Campus Balsas/Universidade Estadual do Maranhão

SOBRE A INVESTIGAÇÃO

Este livro é fruto da pesquisa monográfica que integra o grupo de pesquisas desenvolvidas pelo *DEVIR* – Núcleo de Investigação em Cotidiano, Educação e Inventividade, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob a liderança do Prof. Dr. Leonardo Mendes Bezerra.

O interesse em pesquisar sobre a coisificação humana surgiu devido à relevância do assunto no âmbito educacional e nos preocupamos com essa questão que envolve outras áreas de forma interdisciplinar como, por exemplo, a sociologia, a psicologia, a filosofia e a pedagogia numa visão decolonial. Assim, estudar o processo de decolonialidade (ALIMONDA, 2011; BEZERRA, 2022; QUIJANO, 2000) mostra o quanto a sociedade do século XXI, ainda carrega traços de uma sociedade colonialista, que precisam ser desconstruídos. Isso colabora para que aconteça a coisificação das pessoas, na qual elas só são valorizadas quando têm algo a oferecer, assim como era tratada a mão de obra durante o período colonial. As pessoas estão desesperançosas com o presente e acabam se tornando pessoas desumanas.

O intuito de realizar essa pesquisa surgiu a partir dos vários questionamentos que recebemos pela escolha do curso, dos estudos em cada disciplina ministrada e a vivência dentro do campus universitário, além das aulas e das nossas experiências nas atividades práticas curriculares e no cotidiano educativo e midiático em “tempos líquidos” (BAUMAN, 2001).

Quando se abordam temáticas como essas apresentadas acima, entendemos que estudar é o caminho mais eficaz para não cair em mitos impostos pelos outros. Estudar sobre o processo de coisificação evita que as pessoas se alienem em situações que terceiros julgam como melhor para sua sobrevivência em sociedade.

Autores como Marx (1983; 1989) Marx; Engels (2004), Adorno (1993) e Bastos (2007) conceituam como se dá o processo de coisificação dentro de uma sociedade capitalista. Uma sociedade coisificada colabora para que as pessoas não deem tanto valor a si e aos outros, já que há uma distinção de classe, em que os trabalhadores são tratados como coisas e levando-os a desumanização. Em uma ação educacional busca-se mostrar ao homem que ele é um ser dentro de um espaço-tempo que

constrói suas próprias situações e que é socializável, quando entende que seu trabalho é fruto de uma escolha e não a única forma de sobrevivência, chegando na concepção de que seu trabalho é uma forma de colaboração para a sociedade. Dentro desse elo, o ato de educar é uma forma de humanizar as pessoas. Isso acontece a partir do momento que se compreende o que diz Paulo Freire (2014) que a educação, quando não tem o papel libertador, o ser opressor que existe dentro dos indivíduos vai continuar tendo o sonho de se tornar o opressor.

A Pedagogia da Libertação surge como meio para a desconstrução de dicotomias que são impostas às classes populares, e que, com o processo de alfabetização, seria possível haver uma ativa participação política e social dessa classe e libertá-los da grande submissão com relação aos “senhores capitalistas”, ou seja, entre os dominadores e dominados.

Em situações em que os alunos tenham contato com assuntos que trabalhem a desconstrução do conceito de que as pessoas são consideradas como coisas, esses terão maior afinidade com a escola e com o seu projeto de vida profissional, pois passarão a perceber que são agentes modulados e que tem um legado de valores a serem construídos de forma igualitária.

Dessa maneira, trabalhar a com a teoria da educação holística com os jovens é uma temática que contribuirá para que sejam pessoas dotadas de saberes necessários para a construção de uma sociedade progressista e liberal, objetivando que as vivências em sociedade contribuam para a desconstrução das diferenças em um contexto geral.

Em âmbito cultural essa pesquisa pretende abordar que, mesmo em meio a vestígios do colonialismo, com o conhecimento é possível se manifestar de modo consciente e revolucionário pelos seus direitos. Assim, o objetivo desta pesquisa visou analisar como a educação libertadora colabora para a não-coisificação humana. Para atender a esse objetivo foi preciso repensar os caminhos e os instrumentos para se fazer uma pesquisa científica que “[...] é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo” (BASTOS; KELLER, 1995, p. 53).

Nesse raciocínio, o ponto de partida desse estudo foi a pesquisa bibliográfica em que foram consideradas preferencialmente as referências do novo mundo [sem desconsiderar algumas teorias do velho mundo], a partir de uma visão decolonial que

desconsidera a visão tradicional da academia nos moldes positivistas e mecanicistas. Dito de outro modo, todos os dados, informações e teorias são consideradas desde que estejam relacionadas com o objeto e com os objetivos da pesquisa. Assim, foram acatados diversos textos e relatos ouvidos aleatoriamente das vivências empíricas do dia a dia a partir o contato com os estudantes dos cursos de Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, no Campus Balsas, e nas vivências das atividades práticas do curso de Pedagogia e nos Estágios Supervisionados.

Realizou-se a pesquisa documental, que conforme Marconi e Lakatos (2017) é aquela que tomamos como base documentos, que podem ser escritos ou não. Os documentos analisados foram revistas, jornais, reportagens e imagens que têm relação com a coisificação das pessoas – ou seja, as ações de coisificação consideram as pessoas como objetos e desprovidas de vontade, liberdade e autonomia – que podem ser documentos impressos e/ou virtuais, e no caso das reportagens foram consideradas apenas aquelas que estão disponibilizadas em plataformas abertas como, por exemplo, o *YouTube*.

Os dados da pesquisa documental ficaram organizados por meio da pesquisa qualitativa e foram apresentados em micronarrativas ficcionais (BEZERRA, 2022; BEZERRA; MARTINS, 2022; BEZERRA; CORRÊA, 2023; REIGOTA, 1999) com o intuito de garantir o anonimato da identidade das pessoas que se apresentam nas reportagens, sejam elas impressas ou audiovisuais. Assim, o ato de ficcionar, além de ter uma postura ética, representará a realidade sem interferir nela por se tratar das várias experiências que serão convertidas em micronarrativas e dialogadas com o conjunto de teorias que interagirão com a realidade pesquisada.

SOBRE A COISIFICAÇÃO HUMANA

O período de industrialização no Brasil, na década de 1930, colaborou para que grande parte da população fosse explorada, submetendo-se à mão de obra barata. Nesse momento a política do poder capitalista se sobressaía sobre as demais classes sociais, sendo os explorados os mais desprezados. Com isso, o trabalhador passou a ser considerado uma mercadoria, no qual as pessoas tornaram-se dependentes do seu próprio serviço, “a maneira como o fruto do trabalho é produzido, a impossibilidade imposta de o trabalhador possuir os bens que produz, tornou o trabalho desumanizado, executado somente para a sobrevivência, e muitas vezes insuficiente à ela” (NASCIMENTO; SILVA; GRACIANO, 2016, p. 5).

Dessa maneira, o homem vira um alienado a sua forma de sobrevivência, tornando alheio a si mesmo. Esse fator colabora para que o ser humano, um ser social movido por interesses mercantis e capitalistas, enfraqueça as relações humanas, vire um ser incapaz de perceber sua própria individualidade e coisificado.

O termo coisificação foi adotado pelo marxismo aos trabalhadores como forma de julgamento ao capitalismo. Marx (1983) discute que a relação entre os trabalhadores e seus objetos produzidos é um fetichismo, em que aderem a uma relação social ilusória entre as duas instâncias citadas (homem e produto), tornando assim um homem coisificado ao passe que se produz mercadorias. Essa comparação do homem com as mercadorias demonstra que o trabalhador só é lembrando enquanto está colaborando para o crescimento do capitalismo, pois quando não é mais favorável a vender sua mão de obra, é esquecido, assim como a relação homem-objeto quando não têm mais utilidade e são descartados.

Como aponta Bastos (2007), quando aconteceu a adesão da indústria cultural, acreditando haver uma mudança na forma de tratar o indivíduo como igual, em que todos usufruiriam das novas tecnologias de forma igualitária, mas, segundo o autor, é uma “ilusão de realização pessoal”.

A indústria cultural é uma grande aliada da diferenciação, “cada produto apresenta-se como individual; a individualidade mesma contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que se desperta a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio de imediatismo e de vida” (ADORNO, 1993, p. 94) e também

pela busca da individualidade, que colabora com a grande massa de consumo, deixando as pessoas ainda mais iludidas e alienadas com a realidade, e torna o capitalismo ainda mais dominante sobre os demais. Essa busca insensata pela individualidade colabora para a desvalorização do trabalho humano, pois o interesse está em consumir e acumular a mercadoria.

Em uma sociedade de sistema capitalista não é visto e nem relatado todo o trabalho que se tem por traz de cada mercadoria estampada em prateleiras comerciais, em razão de que as pessoas estão tão focadas na utilização e na estética que não se atentam a como foi produzida e reclamam dos valores, porém não imaginam o tempo necessário e os materiais utilizados para a construção do produto. O mundo do capital envolto na dinâmica consumista tem o interesse em vender produtos, “Portanto, a internet, os games de computador, a televisão, os celulares, são hoje ferramentas tecnológicas predominantemente comprometidas com a coisificação das pessoas no mundo” (NETO; FRANCO, 2010, p.16). Há casos em que os valores sociais das mercadorias sobressaem sobre valor do próprio trabalho humano, mercadorias essas que são produzidas para responder às vontades de uma classe específica: das pessoas ricas.

Bueno (2013, p.64) diz que as próprias mercadorias criam suas formas de persuasão humana, ao passo que suprem à necessidade humana quando compram algum item. O sistema planeja todo o marketing do produto para que haja uma admiração e assim o cliente sentira-se convencido de que precisa daquilo. A função reforçada pela publicidade é o consumismo de mercadorias que “trazem em si, incorporado, tudo aquilo que a sociedade deseja, e por isso, são consumidas” (MARCONDES FILHO, 1993, p.78).

Conforme discorre Marcondes Filho (1993), a publicidade tem como objetivo despertar no consumidor a necessidade de obter a mercadoria em destaque, contribuindo de forma lucrativa aos grandes empresários, apropriando-se do universo subjetivo dos sujeitos. Há datas durante o ano em que o marketing é a peça-chave para as vendas, como Páscoa, Dias das Crianças, Natal, dentre outros eventos que geram grande entretenimento como, por exemplo, as marcas de utensílios esportivos que patrocinam os jogos de futebol em troca da comercialização dos produtos.

Em relação ao consumismo que espalham entre as pessoas, afirmando a necessidade de que elas precisam ter algo para serem alguém, a psicanalista Maria

Rita Kehl (2009) ressalta que essa grande massa de consumo não é representada pela facilidade com que as pessoas têm em possuir os bens, mas o valor que as pessoas recebem ao consumi-los. O consumismo também é visto por muitas pessoas como forma de sair da realidade, como nos casos de compulsão, no qual é desenvolvida através de situações psicológicas, que veem nas compras uma forma de fugir da realidade ou preencher algum vazio existencial. Valquíria Padilha (2006, p.109) relata que “o consumismo acaba por ter o mesmo efeito que um remédio anestésico cujo alívio para a dor é por tempo limitado, além de não atacar a causa do problema diretamente”.

Sendo assim acabam por não saciar suas vontades, pois o efeito é momentâneo e a cada segundo surge uma novidade. O consumo além de proporcionar o prazer, colabora para que identidades e personalidades sejam criadas, ou seja, projetam nas pessoas como elas devem ser vistas na sociedade e como enxerga a si próprio. Bauman (2008, p. 20) salienta que na sociedade do consumo, não se torna sujeito sem antes virar mercadoria e “[...] ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. O que Bauman (2008) deseja transmitir é que, antes de comprar qualquer coisa, os consumidores devem vender sua força de trabalho para ganharem dinheiro e assim comprarem algum produto e estar por dentro da moda, comprando algo que irá colaborar para aumentar sua visibilidade no mercado de trabalho, desse modo tornando-se também uma mercadoria.

Sobre a moda que as pessoas tanto fazem questão de estar integradas para que assim possam ter uma visibilidade dentro da sociedade, Ramos (2015, p. 1) relata que se a moda comunica, o corpo é um dos instrumentos da publicidade, por ser o veículo dessa comunicação, pois, ao “consumir, as pessoas encarnam a personalidade dos objetos cobiçados, e dessa forma conquistam o passaporte para sua inserção em domínios deslocados, convencendo-se de que realmente pertencem a uma nova realidade.

A diferença da pessoa como mercadoria para as mercadorias nas prateleiras (produtos) é que uma pode ser levada e a outra não. Esse sistema colabora para que cada vez mais os indivíduos vendam o seu trabalho e consumam ainda mais, pois de acordo com o mercado de trabalho devem comprar objetos que melhor realcem sua

imagem e identidade naquele lugar. Na sociedade atual uma das maiores ferramentas de venda e de publicidade de pessoas são as redes sociais.

As mídias contribuem para a alienação de pessoas a respeito de muitos assuntos por meio de suas publicações e com seu poder de persuasão. Com a velocidade que as notícias são postadas, as pessoas acabam por se contentar com um mundo de aparências, pois não buscam a veracidade dados publicados e as relações acabam se tornando “líquidas”, como relatou Bauman (2001). A influência a acerca de como devem-se portar na sociedade em relação ao corpo, à postura e aos relacionamentos, tudo isso é possível com a propagação de informação disseminadas nas redes sociais. Em vista disso, as mídias “[...] são peças fundamentais na concretização da sociedade de consumo. E nesse sentido, o corpo assume o posto de elemento essencial na construção da imagem das pessoas” (BUIIONI, 2009, p. 141).

A forma como os produtos são divulgados influência muito nas suas vendas, pois a questão está mais relacionada ao status social do que ao conteúdo, e isso também é válido para os sujeitos que buscam chegar ao corpo que tanto é idealizado na internet. Essa ferramenta está inclusa no processo de coisificação do corpo humano. Sobre essa questão David Le Breton (2012, p. 24) diz que a sociedade, de modo geral, desdenha o corpo e isso causa a sensação de que o corpo humano no cotidiano é “[...] insuficiente, imperfeito, leia-se mesmo desprezível ou supranumerário, fóssil de uma humanidade fadada ao desaparecimento iminente, sob a égide notadamente das ciências da informação, das quais conhecemos o poderio”. Contudo, percebe-se que a abordagem de Le Breton (2012) deixa clara a forma como a mídia idealiza o corpo para que as pessoas se sintam “insuficientes” com relação ao corpo modelo e comprem o produto para que tenham o mesmo resultado.

Situações em que a publicidade insiste em chamar atenção pela sensualização e sexualização da mulher, o seu corpo é visto como objeto de desejo e de coisificação, criam estereótipos de como deve ser um corpo feminino. Os programas jornalísticos nos quais as mulheres são empregadas, geralmente mulheres magras e de pele lisa, criam um padrão de beleza às pessoas daquela profissão, e como diz Azevedo e Mauro (2018, p.129) “[...] a mídia desenvolve um papel estelar nesse cenário da instrumentalização e coisificação da mulher”.

A primeira micronarrativa “Corpos nus e o estímulo publicitário”, apresenta uma história de uma jovem que foi ludibriada e teve o corpo coisificado por trás de ações que não foram estabelecidas no contrato assinado.

PRIMEIRA MICRONARRATIVA Corpos nus e o estímulo publicitário

Ela é uma jovem de 17 anos, de pele branca, cabelo liso e claro, olhos azuis, consideravelmente alta e cintura afilada, moradora de uma pequena cidade do Estado do Pindorama, mora com sua mãe, é filha de pais separados. Aos finais de semana sempre costuma ir à pracinha local para tomar açaí com seu grupo de amigas e estuda na escola pública local. Foi modelo de passarela no desfile de beleza de uma feira de sua cidade.

Sua mãe é uma mulher que trabalha fazendo faxinas em casas de famílias com posses financeiras na cidade e não conseguiu concluir os estudos, parando na 5ª série, como era chamada na época. Sua mãe sempre trabalhou para sustentar as duas filhas, devido a seu pai não os ajudarem nas despesas de casa.

Certo dia em uma tarde de sábado, por volta das 17h30min, enquanto tomava açaí com suas amigas, um moço alto, malhado, de beleza inexplicável e que estava bem vestido se aproximou.

Ele falou que trabalhava em uma agência de moda e que estava à procura de uma jovem dotada de beleza natural, e que a sua havia chamado atenção, pois estava de acordo com os padrões estéticos que a agência procurava.

Aquele moço bonito se aproximou dela e a perguntou se poderiam conversar. Com a resposta afirmativa, ele a fez algumas perguntas básicas como, por exemplo, “com quem você reside?”, “estuda em qual série?”, entre outras. Após a conversa, ele a perguntou se tinha algum interesse em entrar para agência, e que seria uma boa maneira de ajudar financeiramente a sua mãe, além de torná-la mundialmente conhecida. Ela trabalharia como modelo de joias e que a profissão não a atrapalharia a dar continuidade nos estudos.

Ao voltar para casa, a menina comentou com sua mãe sobre a proposta que o moço havia feito e perguntou a sua opinião. Sem pensar duas vezes, disse que a filha deveria aceitar a oportunidade e que seria uma boa para mudar de vida. No dia seguinte, foi novamente na praça e o moço estava lá, e a perguntou se já tinha pensado na proposta dele. prontamente ela falou: pensei sim e topo enfrentar esse novo desafio!

Para ela seria um desafio porque era uma jovem do interior, sem muitas experiências de vida, sem muito conhecimento sobre as grandes cidades e pouco jeito para as fotos. Após a confirmação, ele falou que ela não se arrependeria da oportunidade, que daria dois meses para ela se organizar e viajar para iniciar os trabalhos, que seria na cidade Luz.

Chegou o grande dia, era 13 de janeiro, e a jovem aspirante à modelo estava muito ansiosa e nervosa ao mesmo tempo, sem saber o que estava por vir, mas estava muito feliz pela oportunidade que havia conquistado.

Ao chegar na cidade Luz pode descansar no hotel, e no outro dia teria a primeira sessão de fotos. No dia seguinte, às 10h, já estava pronta, à espera do motorista que a levaria para o estúdio. Às 10h30min ela chegou e se dirigiu ao local.

Chegando lá começaram logo a maquiá-la e arrumar os seus cabelos, e logo em seguida começaria a sessão de fotos. A primeira temática das fotos seria para moda praia, teria que ficar de biquíni e com joias que combinassem.

Naquele momento ficou com muita vergonha, mas até então tudo bem. Porque era para as pessoas saberem onde poderiam usar aqueles modelos de joias. A primeira sessão se encerra. Estava muito empolgada e feliz, pois recebeu muitos elogios, por conta do seu corpo e que tinha muitas habilidades, ainda que necessitassem ser lapidadas para o ramo de modelo.

Ao chegar ao hotel ela ligou para sua mãe para contar a experiência do primeiro dia. Sua mãe muito contente se desmanchou em lágrimas. Assim os dias foram passando e novas sessões foram feitas.

Até que um dia o fotógrafo disse que teria mais uma sessão, mas essa era diferente das outras, que além das joias iriam fazer propagandas para uma concessionária de carros. Ele foi mostrando a ela várias fotos de campanhas anteriores e todas as modelos apareciam nuas.

Meu Deus, coitadinha, ela jamais imaginou tirar uma foto assim. Nessas fotos ela teria que ficar completamente nu e com uma vestimenta minimalista que seria um par de brincos, um colar em pedras e um bracelete.

A jovem modelo ficou sem querer tirar as fotos, porém o fotógrafo falou que não havia problema algum e que não mostraria suas partes íntimas, eram só uma das formas de fazer a publicidade das peças. Convencida, ou quem sabe, ludibriada, acabou tirando as fotos e nelas teve que abusar de posições, caras e bocas e exalar sensualidade sobre os carros.

Quando saiu do estúdio sentiu-se como se seu corpo estivesse “coisificado”, que estava sendo usada como objeto de propagação da “sexualização feminina” para atender a uma demanda publicitária, para o mercado de trabalho, para chamar cada vez mais a atenção para o desejo sexual masculino, e não só para propagandas das joias e dos carros, na qual ela achou que realmente fosse.

Os profissionais do marketing vinculam o erotismo às propagandas como forma de expandir o número de vendas do produto, colocando mais à venda os corpos femininos que os próprios produtos em loja, pois o corpo nu chamaria mais atenção os seus clientes. Ela se sentiu que seria uma presa indefesa!

Esse tipo de publicidade colabora cada vez mais para uma sociedade machista na qual as mulheres devem sempre estar disponíveis para satisfazer às necessidades dos homens, sejam em casa ou nos seus ambientes de trabalhos.

Depois de tirar as fotos e ver o resultado da publicidade pelas ruas da cidade Luz, ela sentiu-se objetificada, pois os olhares sensualizados direcionados a ela, os risinhos de canto de boca e dos cochichos dos homens quando a viam, além de sentir ser apontada na rua e não a faziam bem.

Depois dessas fotos ela se sentiu suja, invadida, passou a não se sentir bem consigo mesma, desenvolveu síndrome do pânico, passou a ter mais medo de sair na rua. A impressão que ela demonstrou ter é que o seu corpo passou a ser algo público em que todos podem falar alguma e deixar seus comentários, falo das fotos publicadas nas mídias.

Com tudo que aconteceu depois dessa sessão, ela não pode mais tirar fotos como modelo e nem mesmo participar de desfiles, além de ter desenvolvido transtornos psicológicos, ela retornou a sua cidade natal.

A Instrumentalização e a coisificação da mulher são formas que demonstram como o mercado de trabalho e a mídia estão atrelados um ao outro, em que as mulheres devem se submeter a certas situações para estarem em um cargo de valor e venderem seus corpos. Há outros casos nos quais os corpos feminino e masculino são usados como ferramenta de trabalho, que é no ramo da prostituição, em que vendem seus corpos para que sejam usados sexualmente, por mais que, às vezes, sejam de forma consciente, colabora para que seja uma prática de coisificação do corpo, pois são usados e logo depois descartados.

Segundo Bosco Filho et. al. (1996) com o surgimento da crise econômica essa profissão fez com que crianças e adolescentes também entrassem nesse ramo devido à necessidade de dinheiro para a sua sobrevivência. Deste modo é viável entender como acontece o trabalho diante do sistema capitalista. Marx e Engels (2004, p. 14-15) apresentam como ocorre essa troca de serviços, pois, o modo produtivo do capital é exploratório por ser apropriar da força de trabalho e gera a mais-valia, “[...] Ora, por ele mesmo o capital somente se apropria daquela força de trabalho que pode gerar mais valia, procurando que toda a força de trabalho esteja em condições de gerá-la.

Dessa maneira, mostra-se como o sistema capitalista escraviza seus empregados, que trabalham em situações precárias em troca de um salário desproporcional a sua jornada de serviço e que só recebem se, de alguma forma, conseguirem gerar lucro para as empresas., o que foi bastante explicitado no filme “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin, no ano de 1936, retratou como era a forma de trabalho após as invenções tecnológicas durante a Revolução Industrial, em que as máquinas tomaram certa porcentagem do lugar dos seres humanos e os

trabalhadores passaram a serem usados apenas para proporcionar mais lucros aos seus patrões, além de estarem em situações exploratórias análogas à escravidão, como meros objetos. Dessa forma, o filme explicita o significado de coisificação humana e a desumanização no mercado de trabalho capitalista. As frustrações em que os empregados passam em seus ambientes de trabalhos, devido à grande demanda de tarefas e a falta de empatia por parte do empregador, leva-os a sentirem-se como coisas e a perder o sentido da sua realidade, pois estão a todo instante sendo obrigados a fazerem ações repetitivas.

Analisando essa situação de perda de percepção da realidade, que é o que o sistema capitalista realmente quer dos seus empregados, pois a perda de consciência e a satisfação com o ilusório fazem as pessoas se submetam a um papel qualquer, recebendo mixarias em troca do seu serviço.

Para Bueno (2013), quando o empregado toma consciência das suas atividades e da sua identidade passam a relacionar-se de forma consciente do seu papel histórico. Assim sendo, a pessoa que se deixa virar mercadoria da burguesia, acaba tornando-se reificada ou coisificada, e só conseguirá sair dessa situação quando estiver em plena consciência do seu papel na sociedade, entendendo que ser de uma classe inferior não é justificativa para trabalhar de forma desumana. Tudo isso acontece devido à mercantilização da sociedade capitalista, onde transformou tudo em mercadorias, e as pessoas precisam estar imersas nessas compras e vendas de si próprios, para que consigam se manter dentro dessa relação social, e o que se sobressai é “a razão que faz com que as coisas se relacionem umas com as outras como se fossem dotadas de condição humana e que faz com que as relações entre as pessoas pareçam relações entre coisas” (MARTINS, 1986, p. 17).

A sociedade está tão focada em comprar e consumir que se relacionam cada vez mais com as coisas e cada vez menos com as pessoas. Desse modo essas relações contribuem para que os elos afetivos entre as pessoas enfraqueçam progressivamente, visto que são temporárias. Esse pensamento reforça o que Bauman (2005) apresenta em sua obra “Identidade”, que as relações passaram a serem descartáveis, vazias, momentâneas e “frágeis”. Estabelecendo assim uma analogia entre as pessoas e as coisas que são compradas e consumidas diariamente. Essa questão da liquidez entre as pessoas está ligada e de alguma forma se

relacionam com “as identidades” que são criadas, em que se pode ter várias identidades para conseguir se integrar a um grupo ou ambiente.

A identidade do sujeito pós-moderno já não é taxada como fixa ou permanente, como acontecia no Iluminismo [...] A complexidade da vida cotidiana, atravessada pela globalização que encurta distâncias e conecta comunidades em novas estruturas de espaço-tempo, impõe que assumamos distintas identidades que podem ser conflitantes entre si. Posicionamo-nos frente ao outro de acordo com as expectativas lançadas sobre nós (MAIA, 2007, p. 4).

Essas múltiplas identidades são construídas para que se consiga chegar ao perfil esperado com as relações que se tem ao decorrer da socialização (MAIA, 2007). Salienta-se que a identidade é uma construção cultural permanente de cada povo, mas nos dias de hoje tornou-se algo breve e fragmentado. Essa questão das várias identidades não está ligada somente ao fator social e individual, ela também tem estreita relação com a globalização e o multiculturalismo na sociedade pós-moderna. Dessa forma a constante construção da identidade no mundo contemporâneo se dá para que consigam se adaptar às novas formas culturais que vem sofrendo grandes mutações nos seus períodos históricos. Enfatizando assim o que Maia (2007, p.7) chamou de “identidade móvel”.

Souza (2006) diz que todas essas formas estabelecidas se dão por consequência da indústria cultural que padroniza as identidades, impedindo qualquer forma de identidade individualizada. Para eles se “[...] não camuflados, eles provocariam resistências. Por isso, precisa ser mantida a ilusão e, em certa medida, até a realidade de uma realização individual” (ADORNO, 1993, p. 123).

Muitas pessoas de classes menos abastadas acabam por não terem todos os recursos necessários para que se consigam essas novas identidades. São fatores como esses que contribuem para que haja as desigualdades, pois serão taxados como inferiores e que não se encaixam no grupo por não apresentarem o perfil que eles esperam. Há casos também em que as pessoas não possuem consciência de classe, ou seja, se auto incluem em classes que não é a sua.

As pessoas passam a adaptar-se a essas novas formas de vivências sociais coisificadas, que são produzidas pela sociedade burguesa, para que se chegue a uma satisfação ilusória de realização, principalmente com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, comumente conhecidas como TDICs, como meio de obtenção de informações diversas e não somente de propagandas com o intuito de

persuadir ao consumismo, informações essas obtidas através do uso da internet, computadores, televisão e tabletes. Logo, pensa-se em educação, e como esses aparelhos têm colaborado para a desvalorização da profissão de docentes, pois os alunos acreditam que com a velocidade que as informações chegam até eles, os livros e conhecimentos compartilhados pelos professores tornam-se obsoletos e ultrapassados, principalmente aqueles que segue um modelo tradicional. Porém as TDICs têm sido uma grande aliada daqueles que conseguem se adequar a essa forma de obter informações.

Seguindo essa linha de discussão, pensa-se na construção do currículo escolar, na qual deve haver uma relação de construção de vínculos entre os professores e os alunos. Shim (2008) explica que o currículo escolar passa uma impressão de relação objetificada, quando, por exemplo, o professor ministra o conteúdo e o aluno faz uma avaliação para medir a porcentagem do seu aprendizado. Percebendo assim, que o intuito de Shim (2008) é fazer uma comparação de como se dá a relação aluno e professor no quesito aprendizagem. A situação apresentada por ele expressa uma mera troca de favores, em que o professor passa um conteúdo para os alunos em troca de que eles saiam bem nas avaliações, passando uma imagem de desvalorização do trabalho de cada um, como se existisse uma simples interação entre coisas.

Observa-se que há um papel autoritário por parte do professor, em que ele passa o conteúdo e o aluno tem por obrigação aprender e fazer uma avaliação, Habowski et. al (2018, p.235) explica que, “[...] nas relações educativas o autoritarismo conduz à reificação do outro, a coisificação da infância e à centralização dos processos de ensino e de aprendizagem”. Esse cenário autoritário, além de colaborar com a coisificação das relações, aumenta as chances de violência coletivas, pois os alunos passarão a ter uma competitividade, estando centrados apenas na busca de algum conhecimento para o mercado.

Essas considerações têm o intuito de mostrar a grande realidade do mercado de trabalho, na qual não se pensa no outro, mas quer estar sempre à frente, assim como acontece na sociedade, a educação está virando uma pista de competição para ver quem emprega mais nos mercados capitalista e o conhecimento passou a ser centrado apenas nisso, e não na emancipação dos sujeitos.

Habowski, Conte e Flores (2018, p.239) consideram que, “vivemos numa conjuntura paradoxal em que o aperfeiçoamento técnico ao invés de emancipar os sujeitos intensificou ainda mais a submissão destes como consumidores não autônomos no mundo do trabalho”. Mais precisamente, colaborando para a formação de pessoas que não questionam e aceitam o que está ao seu alcance, pois só possuem informações até o contexto que esteja ao alcance de seu ambiente de trabalho, visto que até mesmo as escolas estão focadas no mercado capitalista.

A essa prática pedagógica, Paulo Freire (2014) chamou de Educação Bancária, cujo educadores apenas depositavam os conteúdos como se os alunos fossem caixas eletrônicos. Relacionada a esta ideia que deriva a nomenclatura bancária, em razão de os alunos não poderem questionar ou discutir com o professor/professora, apenas receber o que foi depositado, pois são comparados com copos vazios de conhecimentos, ficando assim inconscientes da realidade em que vivem.

A educação nesse período tinha como maior preocupação entregar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, e não uma educação que buscasse socializar os indivíduos, atentando-se para o que deve ou não ensinar. Quando se volta um pouco na história, a escola teve sua maior repercussão na sociedade e passou a receber maiores números de pessoas após a Revolução Industrial, porque somente assim passou a surgir maior necessidade de qualificação para o mercado de trabalho. “A escola vai formar o homem segundo o modelo social exigido naquele momento, que veja o mundo e a sociedade como as elites dirigentes querem que ele veja” (GALLO, 2009, p.41). Havendo, dessa forma, uma relação de poder no processo educativo dos dominantes sobre os dominados.

Esse modelo de educação expressa por uma sociedade opressora na qual os interesses mercantis sobressaem aos interesses individuais e sociais de cada educando. Para Paulo Freire (2014, p.82) a educação bancária tem como eixos:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que apta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;

- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Nessa perspectiva os educadores são detentores de todos os saberes e transmitem aos educandos a sensação de vulnerabilidade e insatisfação com sua bagagem de conhecimento adquiridos nas vivências cotidianas, pois são vistos como sujeitos passivos que devem apenas receber os ensinamentos “transmitidos” e dirigidos para reprodução capitalista. As escolas, dos tempos atuais, por mais que passaram a dar voz aos educandos, continuam tratando-os como se fossem mercadorias, nas quais essas instituições têm como papel moldá-los e prepará-los para o mercado de trabalho.

Para Diego Dantas (2022) a educação é usada pela mídia capitalista como um meio de propagar as ideologias e interesses burgueses. Usa-se esse meio como pretexto para que a educação seja vista como fomentadora do desenvolvimento econômico no país, camuflando o real interesse da burguesia. Assim a educação também passa a ser uma mercadoria capitalista, principalmente em escolas da rede privada. “O capital compra a educação formal e reproduz nela a sua ideologia, e, sob o domínio do sistema financeiro, o trabalhador adquire a sua qualificação profissional como educação” (SILVA; GOMES, 2022, p.6).

Nessa situação até mesmo o professor passa a ser uma mercadoria, pois trabalha de forma que renda ainda mais lucros para a burguesia e, na maioria das vezes, não recebe a valorização necessária, traspassando uma relação de coisa, uma coisificação humana. Quando o professor se deixa coisificar, acaba por não ter consciência crítica do seu papel e aceita todas as circunstâncias a que é submetido.

Todo o processo e sistema burguês buscam por uma sociedade individualista, onde cada ser pense apenas em si e nos seus interesses. Quando se pergunta por que a desvalorização do professor tem sido de formas alarmantes e exacerbadas nos últimos anos, é justamente pelo crescimento da individualidade, na qual as pessoas não se interessam umas pelas outras e virou um mundo líquido, em que estão nas escolas apenas para que consigam entrar no mercado de trabalho.

Resende (2011, p. 293) relata que “O ser humano ao cair no individualismo burguês fragmenta os valores, servindo assim, aos interesses particulares, tornando-

se refém de um sistema imposto que bloqueiam sua condição de construir e de recompor sua dignidade”.

Desse modo, levando o ser humano a uma situação desumana, dominada e explorada, pois seu trabalho é sua forma de subsistência e que sem ele não irá conseguir as coisas. Assim acabam não tendo tempo para pensar nas suas necessidades básicas, fora de um contexto burguês, por exemplo, saúde mental, forças para buscar seus direitos e dignidade trabalhista, visto que se sentem reprimidos a fazer tal ação contra do mercado de trabalho.

Jesus (2016, p. 540) aponta que muitas classes da sociedade brasileira são excluídas e desumanizadas.

Nós não reconhecemos todos os grupos como plenamente humanos, e eu podemos destacar pelo menos dois que se configuram adequadamente na categoria de castas, sem nenhum problema com a sociologia, que são considerados o lixo e a escória à margem da sociedade (ou seja, não estão fora dela, mas em um lugar de total desprivilegio), que são assassinados sem espanto público, ocupam as mais degradantes posições e papéis: as travestis e a população em situação de rua (JESUS, 2016, p.540).

Esses dois grupos são representações de como a sociedade dá privilégios às pessoas que de alguma forma tenham algo a oferecer (voltadas para o capitalismo), por exemplo, os moradores de ruas não contribuem para o crescimento do capitalismo e precisam da ajuda do outro, entretanto não podem oferecer trocas de produtos e, devido a isso, as pessoas apenas desviam desses sujeitos como se fossem apenas um obstáculo no meio da sua passagem pelas ruas. Dessa forma os moradores são vistos como inúteis desprovidos dos privilégios da sociedade, sujos e loucos.

Quanto às pessoas transexuais, por não se identificarem com o seu sexo biológico, são vistas com outros olhos no mercado de trabalho, além do mais ainda sofrem preconceitos. Jesus (2016, p. 551) diz ainda que as travestis são “[...] exploradas, traficadas, tratadas como anormais ou risíveis, são alvos fáceis porque desprotegidas pelo Estado [...] ignoradas pela sociedade de consumo, pelo mercado de trabalho e, eventualmente, tornam-se agentes de atividades ilícitas”.

A micronarrativa “Não, eu não sou mulher! Sou homem trans.” apresenta a história de Donatello (nome fictício) sobre a visão das pessoas em relação à coisificação humana através da construção do gênero humano.

SEGUNDA MICRONARRATIVA

Não, eu não sou mulher! Sou homem trans.

No passado eu era Donatella, mas agora sou Donatello, tenho 30 anos, prefiro não identificar minha profissão, pois nela ainda tem muito preconceito. Eu sempre gostei de jogar bola e fazer tudo que meu pai fazia, ele era policial, provedor da família, uma pessoa rígida, mas carinhosa com a família da forma dele.

Tive uma educação escolar de qualidade, mas aos cuidados da minha mãe, ela sempre comprava bonecas, laços e vestidos, porém me sentia muito desconfortável quando usava essas coisas.

Fazia das minhas bonecas soldados do exército, pois não queria brincar de mamãe e filhinha, que é como as meninas realmente brincam. Quando completei 17 anos passei a me vestir e portar como realmente me sentia bem, que era com roupas e atitudes masculinas.

Apoio da família? Não tive! Quando falei aos meus pais sobre minha realidade e meu gênero, foi muito tenso. Meu pai quis me bater, minha mãe pôs-se a chorar, entre gritos, choros e diálogos não compreendidos, decidi sair de casa.

Sai com a roupa do corpo, e sem ter para onde ir, fiquei perambulando pelas ruas da cidade até que tarde da noite uma leve brisa passou pelo meu rosto e me fez lembrar de um amigo da escola que estava passando uma temporada sozinho em casa, pois seus pais haviam tirado férias e foram viajar.

Passei algumas semanas por lá, foi o tempo para completar meus 18 anos. Entre caídas e levantadas, entre descidas e subidas eu consegui um emprego e parei de viver às custas da bondade alheia.

O meu trabalho não era fácil, fui muito humilhado, chacoteado, era motivo de piadinhas por onde eu passava. Depois que me assumi oficialmente como homem trans, eu já tinha 20 anos de idade. Fui muito julgado na época, me chamavam de “Maria macho”, era muito difícil estar nos lugares, pois era “motivo de chacota”, as pessoas agiam como se eu não estivesse ali, o desrespeito sempre pairava no ar.

Sempre foi muito difícil arrumar emprego e quando conseguia era tratado com muita falta de respeito. Meu primeiro emprego foi em um barzinho como garçom, quando me direcionava às mesas os clientes começavam a chamar outros garçons, faziam de conta como se eu não estivesse ali.

Nós, homens trans, somos um “corpo coisificado”, estamos sempre passando por experimentos para termos certezas de que podemos exercer alguns papéis masculinos, da mesma forma que testam os produtos para serem colocados nas prateleiras. Ainda precisamos parecer com uma “pessoa cisgênero e apresentar a heteronormatividade” para que sejamos aceitos.

Devido aos grandes transtornos na busca por um emprego, resolvi tentar o concurso público, pensando que com esse título teria mais visibilidade como homem trans. Prestei o concurso e fui aprovado, logo, tive que mudar de unidade federativa.

Quando cheguei ao alojamento não pude alojar-me junto aos outros rapazes e me colocaram em um alojamento feminino, onde tive que usar um banheiro individual

que estava em situações precárias. Também tive alguns “direitos básicos negados”, não podia usar uniformes masculinos e nem meu nome social. Eu estava lá, mas para muitos era como se eu estivesse invisível.

Alguns anos depois conheci uma moça, fui me apaixonando e passamos a nos encontrarmos e, em seguida, a pedi em namoro. Em poucos meses ficamos noivos. Minha noiva sempre foi muito compreensiva e me consolava quando me sentia inferior por causa dos preconceitos.

Outro fato que houve, após eu ter ficado noivo, foi quando fui a uma loja e tinha uma mulher com um pouco mais de 50 anos, e quando viu a aliança no meu dedo falou “isso casa, essa coisa pode ter família?”, ou seja, me colocou na posição de coisificação.

Mesmo buscando atender aos “padrões sociais”, ainda sou vítima dos preconceitos que me sujeitam às situações desagradáveis. As pessoas deveriam entender que não é como elas se sentem e sim sobre como me sinto enquanto ser humano. E questões como essas precisam ser discutidas na sociedade para que outras pessoas trans, assim como eu, não se sintam coisificadas.

A falta de vínculos das outras classes da sociedade contribui para a desumanização e coisificação desses grupos, em que a qualquer momento eles podem ser descartados e sem causar nenhum espanto público, conforme Jesus (2016). Ou seja, essas pessoas perdem sua dignidade humana. E, também, entende-se que a sociedade capitalista leva muito em consideração o que a pessoa veste e o que ela tem, ou seja, julga-se pela aparência, “dando a elas uma importância que não é relativa a si, mas ao que elas possuem ou podem oferecer ao outro” (LIMA; MOREIRA, 2009, p.19).

Mais uma vez retornamos ao conceito de modernidade líquida de Bauman (2001), considerando que as relações estão muito superficiais e temos que viver em um mundo de trocas para que tenhamos “boas relações”, no entanto, esse modelo de relação contribui para o aumento das desigualdades sociais. Outro fator que ainda acontece na sociedade, e que também contribui para a coisificação das pessoas, que é o racismo estrutural. Dennis (2021, p. 62) conceitua que esse racismo estrutural é “[...] a especialização da raça como definidora dos comportamentos congela a-historicamente essa condição”.

A sociedade carrega consigo o preconceito a pessoas negras desde o período do colonial-escravocrata. Essas pessoas eram tratadas apenas como mercadorias utilizadas para suprir as necessidades básicas dos brancos burgueses, em uma hierarquia da qual os brancos estavam sempre no topo e os negros na condição de subalternos. Os navios negreiros expuseram como se dava o transporte dos homens

negros, ou melhor, “dos produtos”, que viajavam por dias em porções quentes, insalubres e acorrentados. Quando chegavam à costa eram trocados por manufaturas e matérias primas.

Rodrigues (2014, p.16) aponta porque há exclusão quando os negros entram no mercado de trabalho:

A exclusão desse grupo pela ordem social capitalista expropriou desses agentes sociais o acesso às possibilidades de construir aptidões fundamentais para que pudessem ser integrados no regime de trabalho livre. Isso ocorreu devido à construção no imaginário social, pela própria elite branca escravocrata, de que o trabalho escravo era indigno, sem ambição, ou que o escravo era um “vagabundo”, “irresponsável” e “inútil”.

Esse processo de exclusão e reprodução colonial estende-se até os dias de hoje e influenciam a vida social e profissional dos negros, devido a essa falta de reconhecimento positivo dos seus trabalhos são tratados por muitos como marginais, e, por esse motivo, a porcentagem de assassinatos de pessoas negras é exorbitante.

Mesmo a legislação brasileira apontando que todos são iguais perante as Leis Constitucionais (BRASIL, 1988), o que se vê no dia a dia é que existem discriminações de vários tipos como, por exemplo, discriminação religiosa, pela cor, raça, etnia, classe social, entre outras. O que se destaca aqui é que ainda existem pessoas que por diferenças biológicas, culturais ou étnicas ainda consideram os negros e indígenas inferiores às pessoas ditas de pele branca e que, infelizmente, consideram esses grupos como seres coisificados, principalmente se relacionados ao mercado de trabalho.

As leis brasileiras e as normas internacionais proíbem ao empregador e a qualquer pessoa a adoção de qualquer prática que implique preconceito ou discriminação em virtude de raça. Nesse sentido é a orientação expressa na Constituição Federal, artigo 3º, inciso IV e artigo 5º. A Convenção nº 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1958, ratificada pelo Brasil e promulgada pelo Decreto nº 62150, de 19.01.1968, estabelece a eliminação de toda discriminação em matéria de emprego, inclusive por motivos de raça. É importante destacar a Declaração da OIT sobre os Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho, na qual se reafirmou o compromisso dos Estados-membros, dentre os quais figura o Brasil, de aplicar o princípio da não-discriminação em matéria de emprego e ocupação (JUSTIÇA DO TRABALHO MG, 2018, p.2).

A discriminação racial está banalizada que chega a não ser percebida até mesmo para algumas pessoas que são vítimas. A abolição física foi eliminada com as suas práticas violentas de surras com chicotes e com outros instrumentos de tortura – como a história nos revelou –, mas a discriminação ainda é vista com requinte de

crueza e violência, pois existem, infelizmente, comportamentos que consideram a coisificação dos negros no mercado de trabalho.

Outro agravante é a violência contra pessoa negra e trabalhadora que foi vista como marginalizada por causa da cor da sua pele, pela roupa que usava e pela sua profissão. Outro fator importante é destacar que a objetificação por meio da etnia é muito comum na sociedade. No Brasil, existem três principais grupos étnicos que é formado por negros, indígenas e brancos e a objetificação de algumas etnias sobre outras são traços colonialistas que se perduram até os dias de hoje, em que os brancos sempre faziam das outras etnias seus objetos de trabalhos ou exploração.

Quando são aceitos no mercado de trabalho devem agir de maneira neutra e aceitar todas as formas de serviços que lhes forem oferecidas. Situações como essas acontecem porque os seres humanos, muitas vezes, não têm consciência de como foi realidade durante o período colonial e por isso ainda acontecem casos semelhantes ao mencionado de objetificação das pessoas.

Muitos movimentos antirracistas acontecem comumente para que ocorra a quebra de paradigmas e preconceitos enraizados, reflexos de uma sociedade colonial, em que negros e brancos possam andar lado a lado, bem como usufruírem dos mesmos direitos e deveres. Por exemplo, em uma sociedade capitalista em que ainda há o preconceito e algumas classes são desvalorizadas e inferiorizadas, como os negros, e que são substituídas por máquinas de última geração exercendo papéis humanos.

Entretanto, Bueno (2013, p.173) pontua, “o desenvolvimento capitalista de produção intensificou as formas de exploração do trabalho, se aprimorou na forma mercadoria, trazendo consigo um requinte de demanda e oferta de objetos de consumo ante o avanço da tecnologia”.

Acredita-se que por mais que muitas tecnologias façam o trabalho humano, o sistema capitalista, de alguma forma, ainda explora seus trabalhadores nas produções de seus produtos. Bueno (2013) ressalta que quando não se compreende como se dá a prática exercidas pelas tecnologias no auxílio ao serviço humano, resulta em uma alienação refletida na aparência de que os produtos são resultado apenas do trabalho tecnológico.

Na sociedade contemporânea, enquanto uns se deleitam sobre essas tecnologias, outros sobrevivem com migalhas, que se denomina de exclusão digital.

Essas situações acontecem comumente nos grandes centros, onde grande parcela dos subúrbios vive marginalizados e sem acesso a esses meios de comunicação, enquanto os centros urbanos se deleitam das mais extremas luxúrias. Essa contemporaneidade pode ser caracterizada da seguinte forma:

Mas é aqui que se situam os desafios. Entre, de um lado, os artefatos da “cidade global” e, de outro, os “pobres” e “excluídos” tipificados como público-alvo de políticas ou programas ditos de inserção social, há toda uma trama social que resta a conhecer, que não cabe em modelos polares de análise pautados pelas noções de dualização social, que escapa às categorias utilizadas para a caracterização da pobreza urbana e que transborda por todos os lados do perímetro estreito dos “pontos críticos” da vulnerabilidade social identificados por indicadores sociais. (OLIVEIRA; RIZEK, 2007, p. 198 apud ROITBERG, 2011, p.294).

Assim, os pobres são usados como vinculação de políticas sociais na qual eles fazem todo um teatro para alavancar suas campanhas eleitorais e as ações são realizadas em prol de sua visibilidade ao “ajudar” as classes vulneráveis, usadas como objetos de persuasão e que logo após são esquecidas e excluídas. Nessa realidade as tecnologias são usadas como meio de propagação de informações e a “aparência” em ajudar, em que as pessoas se apoderam da situação alheia para satisfazer suas necessidades e desejos pessoais.

Todos esses processos de exemplificação são para chegar-se ao consenso de que a sociedade capitalista e a modernidade líquida têm contribuído de maneira contínua nas relações das pessoas, que têm se tornado cada vez mais desumanas e individualistas. Entretanto, essa contemporaneidade pode ser compreendida na música “Terra de gigantes”, dos Engenheiros do Hawaii, composta por Humberto Gessinger (1987).

Terra de gigantes

*Hey mãe!
Eu tenho uma guitarra elétrica
Durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter
Mas, hey mãe
Alguma coisa ficou pra trás
Antigamente eu sabia exatamente o que fazer
Hey mãe!
Tem uns amigos tocando comigo
Eles são legais, além do mais,
Não querem nem saber
Mas agora, lá fora
Todo mundo é uma ilha
Há milhas, e milhas, e milhas de qualquer lugar*

*Nessa terra de gigantes
Eu sei, já ouvimos tudo isso antes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude
São heranças, são motivos pras mudanças de atitude
Os discos, as danças, os riscos da juventude
A cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude
Nessa terra de gigantes
Tudo isso já foi dito antes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Hey mãe!
Já não esquento a cabeça
Durante muito tempo isso foi só o que eu podia fazer
Mas, hey hey mãe por mais que a gente cresça
Há sempre alguma coisa que a gente não pode entender
Por isso, mãe
Só me acorda quando o sol tiver se posto
Eu não quero ver meu rosto antes de anoitecer
Pois agora lá fora,
O mundo todo é uma ilha
Há milhas, e milhas, e milhas
Nessa terra de gigantes
Que trocam vidas por diamantes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Nessa terra de gigantes
Que trocam vidas por diamantes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Hey mãe*

Quando os artistas falam no trecho “Nessa terra de gigantes, que trocam vidas por diamantes”, pode-se fazer uma analogia ao processo de coisificação entre pessoas e produtos, em que as pessoas trocam sua liberdade para adaptar-se ao mundo capitalista, vendendo sua força de trabalho. No entanto solidez dos vínculos entre as pessoas têm se fragilizado, em que tudo se tornou momentâneo, líquido e, muitas vezes, apenas por ostentação. As pessoas já nem se conhecem verdadeiramente por causa da quantidade de identidades que são construídas nessa sociedade contemporânea. Tudo está coisificado?

Acredita-se que as pessoas estão se coisificando, dada a situação econômica e social desde o advento da modernidade e a educação bancária está colaborando para essa coisificação humana. Uma das formas de reduzir essa coisificação é através da educação libertadora.

SOBRE A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

Na sociedade capitalista, onde os senhores se sobressaem sobre seus escravos trabalhadores, ingênuos da realidade em que vivem, precisa haver uma desconstrução dessa hierarquia por meio da educação. A alienação dos trabalhadores diante dos seus serviços acontece por não terem consciência dos seus direitos e deveres, por agirem apenas pelo esforço braçal e não racional.

Freire (2014, p. 37) pontua, “[...] expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isto respeitadora do homem como pessoa.” Assim, a educação surge para que ocorra uma quebra nas normas que eram impostas aos povos trabalhadores. A educação popular de Paulo Freire buscava alfabetizar e incentivar o público a reivindicar politicamente por seus direitos e serem capazes de fazer uma autocrítica a sociedade cotidiana. Com isso, a sua pedagogia visava por libertação, em que o desenvolvimento econômico acontecesse, mas não como forma exploratória, desumana e como pretexto para que as classes ricas estivessem sobre total domínio das classes marginalizadas (FREIRE, 2014).

Busca-se “uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, entre nós, haveria de ser a que oferecesse ao educando instrumentos com que resistisse aos poderes do desenraizamento de que a civilização industrial a que filiamos está amplamente armada” (FREIRE, 2014, p.89, grifo do autor). Visto isso, trate-se de uma construção para participação social e democrática, na qual os trabalhadores escravizados estejam participando ativamente nas decisões políticas da sociedade em que vivem.

O analfabetismo é um grande aliado para que aconteça o domínio, pois a leitura e a escrita são eixos que auxiliam para a não dominação social e cultural do homem, que por si só não permitiriam que seus direitos fossem negligenciados, e dentro da sociedade capitalista, sociedade esta que faz acontecer, por vezes, o distanciamento entre escola e a população pobre. Portanto, para se ter um aproveitamento da educação libertadora é necessário que haja uma humanização das pessoas, por serem seres biológicos e sujeitos a um processo de constante transformação, pois com ela serão capazes de enfrentar “à violência dos que lhe pretendem impor silêncio” (FREIRE, 2014, p. 50).

A terceira micronarrativa tem como título “Humanizar os seres humanos?” e conta a ficção de uma moça negra vinda de família pobre que já sofreu muito com a falta de empatia das pessoas, principalmente das mais ricas.

TERCEIRA MICRONARRATIVA **Humanizar os seres humanos?**

Sou enfermeira, fruto de uma família pobre e que por muito tempo foi escravizada para conseguir sustentar os nove filhos. Desde muito nova tive que trabalhar para ajudar em casa, porque eu era uma das filhas mais velhas e tinha um objetivo que era estudar muito para mudar de vida, e assim eu fiz. Ganhei medalhas de aluna destaque, porém não era o suficiente para sair da zona de preconceitos. No dia 20 de novembro de 2022 fui convidada para falar sobre situações a que já passei simplesmente por ser uma mulher negra, para que servisse de exemplo para outras pessoas que sofrem racismo e que, de alguma forma, foram desumanizadas.

Comecei meu relato falando de quando fui abusada por ser mulher e preta, quando eu tinha dez anos de idade e estava na feira com meu pai, e um homem passou perto e pegou no meu bumbum, “naquele momento, eu me assustei muito e gritei”. Então rapidamente ele tirou a mão, quando meu pai perguntou o que tinha acontecido não consegui explicar. Como era uma criança inocente não sabia o que acontecia, porém fiquei muito constrangida. Mas hoje entendo que essa situação aconteceu porque a nossa sociedade ainda carrega traços colonialistas em que as mulheres negras eram vistas como “objeto para satisfazer o sexo masculino. Isso ao longo dos percurso histórico repercute no padrão de violência sexual, pois, se veem as mulheres como objetos, os corpos delas podem ser usados, abusados, violados e violentados”.

Outra vez foi quando minha mãe me levou no postinho de saúde para tomar vacina, e escutei a profissional da saúde conversando com outra mulher e dizendo “Ei, você olhou para aquela pretinha que veio aqui querendo ser vacinada? Não deve ter nem casa para morar e quer se vacinar. Para quê? Não dei mesmo!”. Assimilaram a nossa cor à miséria, e que por ser negro você fica impossibilitado de receber seus direitos.

Quando estudava o ensino médio fomos tirar a foto anual das turmas, saí na foto ao lado de um colega branco e de família abastada, após tirarmos a foto ele começou uma brincadeira com o seu amigo, referindo-se a mim e dizia “Olha, achei essa escrava aqui, rrsrrsrs! Quem o senhor ou a senhora dela nos avisa”. Ou seja, ele me comparou com uma “coisa, um objeto que tem dono” só por causa da minha cor de pele. Mesmo frequentando o mesmo ambiente que eles, ainda sou vista como uma marionete, em que eles usam a minha imagem para se sentirem superiores. Essa escola em que estudei o ensino médio, na época, só estudava filhos de pessoas ricas ou aqueles que conseguiam bolsas, que foi o meu caso. Para eles pode ter sido só uma brincadeira, mas, para mim, foi uma ofensa.

Quando completei 18 anos um amigo me chamou para ir à balada, eu fui. Chegando lá tinha uma roda de rapazes, todos brancos para variar, começaram a falar

algumas gírias e fazer piadas porque moramos na periferia. Passamos direto e fizemos de conta que não era com a gente. Meu amigo se dirigiu ao bar para comprar bebida para gente, e os rapazes começaram a se aproximar de mim, me afastava, mas cada vez eles se aproximavam mais e começaram a querer tocar meu corpo, quando meu amigo chega e diz: não perceberam que ela está constrangida? Eles responderam: não, porque dessa “pretinha” podemos fazer o que quisermos, porque ninguém vai ver ela como uma verdadeira mulher e sim como uma coisa que podemos usar. Sem saber o que fazer, eu e meu amigo apenas saímos da roda para evitar uma confusão. Quando viramos as costas, meu amigo sentiu um peso no seu braço lhe puxando para trás. Dois dos rapazes começaram a agredir ele com tapas, porém ele não revidou o tapa e se afastou. Nesse momento só escutávamos um dos rapazes dizer “ah cara você sabe quem eu sou, sabe?”

Saímos da boite e mesmo assim os dois rapazes começaram a agredi-lo com mais requinte de crueldade e vigor, com tapas no rosto e socos pelo corpo, até que ele não aguentou, se desequilibrou e caiu. Em seguida o chutaram e eu no desespero não sabia o que o que fazer, fiquei em choque, apenas escutei meu amigo dizer: socorro, socorro, eu não sou de brigar, socorro, socorro, não sou de confusão, socorro, socorro, socorro! Alguém me ajude” Naquele momento pude ver que até nos lugares que saíamos para nos divertir somos alvo direto de violência.

Entrei para o ensino superior com dezenove anos e resolvi fazer enfermagem justamente por causa do que me aconteceu quando fui vacinar, como falei anteriormente, para que outras crianças não precisem passar pela mesma situação, por causa da sua classe e sua cor. Porém a história continua e no período do meu primeiro estágio me confundira com uma faxineira.

Assim, mesmo depois dos vários títulos que conquistei continuo sendo alvo de violência causadas pelo preconceito, porém agora sei revisar e não me rebaixar aos comentários alheios. Logo que no período colonial as pessoas negras eram vistas como objetos ou coisas e não eram lembradas como seres humanos. Hoje podemos estar presente em vários lugares, mesmo que ainda tenha pessoas desinformadas, preconceituosas e presas aos estereótipos. Ao final da palestra várias meninas vieram me relatar que sofriam com situações parecidas, porém não sabiam o que estava acontecendo. É aí que me estimula cada vez mais trabalhar de forma que incentive a problematização, porque o racismo é uma situação em que os jovens sofrem, porém não são capazes de entender o que se passou, pois acham que é apenas uma brincadeira dos coleguinhas.

Quando vou ministrar palestras para os alunos, gosto muito de usar a temática de Paulo Freire, de uma educação libertadora que valoriza o diálogo, dialogando sempre com os contextos históricos e atuais das situações daquelas pessoas, para fazer com elas tenham compreensão do que se passa e se tornem pessoas críticas.

A educação libertadora é uma grande chave para a desconstrução de uma sociedade manipulada, pois os pobres teriam sua vez de buscar e viver seus direitos e deveres na sociedade. Essa educação traz o entendimento que o conhecimento é

uma possibilidade de superação de “[...] relações verticais contraditórias e de modelos mecanicistas de análise da realidade social e implantação de novas propostas que indiquem esperança e a necessidade de mudança” (MACIEL, 2011, p. 337).

A educação emancipatória tem como um dos seus papéis principais o combate contra a dominação e a opressão, colaborando sempre para a construção de pensamentos e diálogos críticos acerca da realidade em que cada ser está inserido, tonando-se pessoas livres e independentes, pois, a educação “[...] visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos” (GADOTTI, 1996, p. 89).

Dessa forma, Gadotti (1996), baseando-se em Freire, vê na educação a forma de libertar as pessoas de suas âncoras, que os prende a uma situação de oprimidos. O desprender dessa situação só é possível quando se relaciona a prática com as teorias estudadas, visando que pessoas tratadas como objetos precisam dessas interdisciplinaridades, “[...] a interdisciplinaridade em Freire não nasce do acaso, mas da importância que ele dava para a necessidade de se entender a totalidade em que se vive” (ARELANO; CABRAL, 2020, p.34), para que consigam chegar a uma visão crítica da situação que estão sujeitos e percebam a necessidade de construção de uma nova realidade. Quando se fala em oprimidos e opressores, tendo como embasamento as teorias de Paulo Freire, questiona-se as relações entre as elites e as classes trabalhadoras.

Paulo Freire (1975) aponta que as elites impedem que os educandos cheguem a prática de uma educação de emancipação, pois querem que eles se mantenham conscientes de que devem ser submissos e de que não podem questionar, permanecendo sempre abaixo deles. A educação é a porta para a participação dos marginalizados nas decisões políticas, envolvendo-se nas cobranças pelas melhorias e percebendo a necessidade de cada população de forma democrática. Quando se retrata o cenário político, a alfabetização seria a primeira maneira de intervenção na busca pela igualdade de direitos, visto que tempos atrás só podiam votar quem fosse alfabetizado, pois, o “[...]problema para nós prosseguia e transcendia a superação do analfabetismo e se situava na necessidade de superarmos também nossa inexperiência democrática. Ou tentarmos simultaneamente as duas coisas” (FREIRE, 1975, p. 94).

Portanto, ver-se que não é só uma questão de leitura e escrita, como acontece comumente nos processos de alfabetização, mas uma busca por representatividade e integração das classes trabalhadoras na busca por seus direitos, sendo seus próprios porta-vozes, ao contrário de ficarem esperando que outras pessoas os representem – que seriam as pessoas alfabetizadas e da elite. A “[...] educação não pode ficar circunstanciada à alfabetização ou à transmissão mecanizada das três técnicas básicas da vida civilizada – ler, escrever e contar.” (TEIXEIRA, 1994, p. 105).

Assim, quando a educação vai além da construção de um saber que está fundamentado em conteúdos programados, colabora-se para a desconstrução da educação bancária, em que os educandos devem apenas receber passivamente os conteúdos. Outra forma, que também pode ser utilizada para libertação e alfabetização, são os ensinamentos através da arte, pois através dessa metodologia pode-se fazer uma interpretação da realidade e de acontecimentos passados, utilizando-se das músicas, teatros e artes visuais.

É perceptivo que para atingir uma boa formação de pessoas críticas e com um vasto conhecimento de sua realidade, precisa-se empregar metodologias que melhor se enquadrem nas situações cotidianas e históricas dos seus educandos, visto que a arte contribui para uma interdisciplinaridade.

A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade são uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p. 17, apud SILVA, et. al., 2019, p. 60).

Paulo Freire prezava pela relação entre a teoria a ser ensinada e as práticas vivenciadas pelos seus educandos. Dessa maneira ele alfabetizava utilizando palavras e imagens, para que as pessoas tivessem conhecimento das suas origens e serem conscientizadas sobre elas, abrindo um leque para as manifestações e identidades culturais, que são metodologias utilizadas para a construção de análises históricas e críticas das pessoas marginalizadas que se prendem nas culturas alheias por não conhecerem a sua própria cultura.

Todo esse processo de entendimento sobre a cultura colabora para a construção do conhecimento da identidade e leitura de mundo do educando. Dessa forma, os educadores precisam manter esses laços (teoria/prática, educação/cultura),

para que o ensino não seja desigual e discriminatório. “[...] a educação é uma das condições pelas quais este ser, rico de possibilidades, desenvolve suas capacidades ontológicas essenciais, ou seja, a função básica do processo educativo é a humanização no sentido da consolidação dessas propriedades” (MARTINS, 2004, p.56).

Seguindo a linha de raciocínio de Martins (2004) o homem precisa ser construído através de suas relações socioculturais, pois conseguirá enxergar as possibilidades que se tem a oferecer. A educação colabora para que haja a humanização conforme a realidade de cada um.

Na sociedade capitalista os que estão comandando o poder querem estabelecer uma hierarquia entre os homens, sabendo que aquela classe marginalizada não está apta a uma discussão que requer um conhecimento crítico, pois visam à reprodução de sua dominação, tratando sempre essa classe como objeto, permanecendo oprimida sem poder expressar, dialogar ou questionar por falta de conhecimentos, perpassando sobre eles os pensamentos coloniais. A educação libertadora vem para traçar uma relação de horizontalidade, desconstruindo essa dominação através da problematização da realidade e da sociedade. Assim, “[...] pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto e implica na dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo” (FREIRE, 1975, p. 48).

Essa educação procura, através do diálogo, romper com todos os paradigmas que corroboram para permanência de um ensino autoritário e bancário. Esses aspectos refletem-se na práxis que, para Paulo Freire, são como os seres humanos agem e refletem ao tentar transformar o mundo dos oprimidos, relacionando a teoria dialogada e a realidade que estão situados. Essa educação também busca trazer propostas para a construção da tomada de consciência das pessoas que estavam, ou melhor, que estão em situações de coisificação, buscando desvelar as ideologias empregadas dentro da sociedade capitalista por meio da problematização. Pois os indivíduos ao saberem da realidade que estão integrados, passam a colocar em prática sua emancipação.

Silva e Therrien (2022) complementa que a educação libertadora deve ser praticada para a gerar a transformação social e para a libertação das classes

oprimidas, assim, o “[...] anúncio de tal libertação verdadeira dos homens, bem como de sua humanização, desenvolve-se por meio da ação e reflexão sobre o mundo, que os torna corpos conscientes” (2022,p.5). A consciência crítica permite uma reflexão de que é possível estar em ambientes que apresentem uma grande diversidade cultural, social e econômica, que não é preciso oprimir-se para se incluir nela, rompendo cada vez mais com as formas de dominação e alienação.

Silva e Therrien (2022), assim como Freire (1981), também concordam que o diálogo é uma das soluções para provocar a revolução dos oprimidos, pois os homens e as mulheres devem comunicar-se entre si, questionando e refletindo sobre suas realidades e necessidades, que ao se comunicarem contribuirá com a humanização e libertação dos seus, deixando clara a famosa expressão freiriana de que “ninguém liberta ninguém, nem ninguém se liberta sozinho. Os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1970, p. 25).

Como o conhecimento passa a ser adquirido conforme as relações homens e mundo, nas suas vivências, não sendo necessários somente os conhecimentos escolares para esta troca de saberes. É nessa direção “que Freire não considera a escola como a única produtora de conhecimentos, o que não significa uma desvalorização da escola, mas apenas a desmistificação desta como única produtora e estimuladora de conhecimento e de produção cultural” (ARELANO; CABRAL, 2020, p. 30-31).

Assim, quem luta por uma dissolução de relações coisificadas e opressoras devem prezar sempre por uma comunicação igualitária, não apenas jogando palavras ao vento, mas discutindo assuntos relevantes e pertinentes para os processos de humanização e sempre considerando o lado do outro. O humanismo que Freire prega é aquele vai contra qualquer atitude que venha oprimir, manipular e abolir os homens e mulheres de suas práticas de liberdade.

Desta maneira, “[...] por méio do diálogo e da palavra, o mundo e a realidade social é denunciada e anunciada. Denunciada a respeito da injustiça e exploração, mas anunciada como sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja “menos opressora” (CORRÊA; CARVAJAL, 2020, p.7). O diálogo pode proporcionar à sociedade e aos homens, na qual podem fazer denúncias e anunciar a “realidade social”, formas de liberta-se das situações imposta pelas elites. Freire (1975) propõe que o diálogo deve ser algo que desperte o amor, a humildade e a solidariedade nos

homens e no mundo, para que consigam atingir a associação entre educação e mundo, visando superar as dificuldades, visto que já estão em uma sociedade dominada, na qual a ignorância perpassa os discursos e os tornam discursos de ódio, e, por isso, deixa-a cada vez mais líquida.

É necessário trazer a motivação para a produção da Pedagogia como prática da liberdade, de modo que proporcione uma crítica conforme apresentada na obra Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire que apresenta como os homens devem agir para se libertar. Assim, Paulo Freire tem um “[...] compromisso com a liberdade, com o amor ao homem e à ética, especialmente em tempos de opressão, marcou profundamente as bases daquilo que se poderia chamar de filosofia da educação freireana” (SÁ; DUARTE, 2021, p.9).

Quando Freire apresentou a realidade vivida durante seu período de exílio, colaborou para desconstrução da educação fundamentada no tradicionalismo e autoritarismo, percebendo que as pessoas precisavam se expressar para conseguirem se libertar da opressão. Sá e Duarte (2021, p. 11) continuam explicando essa teorização da Pedagogia da Libertação, pois, a ideia freireana promove “a ética, a liberdade de pensar e de ensinar as verdadeiras circunstâncias que, histórica e dialeticamente, produziram o mosaico das culturas, crenças e saberes peculiares à realidade dos oprimidos”.

É notória a necessidade de que a pedagogia adote meios para trabalhar a libertação proposta por Paulo Freire, para que as pessoas, gradativamente, libertem-se das opressões e do silêncio estabelecido através da economia e da política imposta pelo mercado de trabalho capitalista, pois “educar é se autolibertar para, enfim, poder libertar o outro” (SÁ; DUARTE, 2021, p.18). Entretanto, em razão de os opressores terem sempre a intenção de dominar e não de transformar as pessoas, de forma que se tornem críticas e revolucionárias, é que se faz necessário que os próprios oprimidos e dominados busquem sua liberdade, para, então, libertar e humanizar seus dominadores.

No poema “Fome de educação”, de Bráulio Bessa (2021, s/p), explica a carência de educação no Brasil, o que leva as pessoas a cada vez mais se oprimirem. Assim Bráulio escreve:

Até quando o Brasil vai suportar
ver seu povo carente de saber,
tanta gente sem ler, sem escrever,
sem escola decente pra estudar,
pois até a merenda escolar
alimenta a tal corrupção.
Num lugar em que tudo dá no chão
na escola deveria ter fartura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**

Se o Brasil começasse a dar valor
a quem nunca se sentiu valorizado
invertendo o que ganha um deputado
pela esmola que ganha um professor.
Pode até me chamar de sonhador
por sonhar que um dia essa nação
passará por uma transformação
e os livros serão a nossa cura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**

Sobra tanta coragem pra lutar,
o que falta é oportunidade.
Sobra o sonho de entrar na faculdade
pela falta do dinheiro pra pagar.
Falta tudo pra quem vê tudo faltar,
sobra tudo pra quem tem tudo na mão.
Só não falta em tempo de eleição
blá-blá-blá, lenga-lenga e muita jura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**

A caneta é capaz de transformar
e mudar o destino de um povo.
Quem viveu só comendo o puro ovo
pode um dia provar do caviar.
Já vi gente que, por ter como estudar,
se mudou do barraco pra mansão.
Batalhando com total dedicação
conseguiu ter a vida menos dura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**

Esse povo que tem tanto pra dar
não recebe o que tem pra receber.
Não consigo aceitar ou entender,
ninguém venha querer me explicar.
Eu não posso e nem vou me conformar
com a cruz que carrega o cidadão
pelo peso dessa desinformação
castigado pela falta de cultura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**

A nação que investe em sua gente
nunca tem desperdício ou prejuízo.
Observo atento e analiso:
só se muda agindo diferente.
O poder de um povo está na mente,

é a chave que abre essa prisão,
é a luz que aponta a direção
pra seguir por qualquer estrada escura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**

A partir do poema é possível perceber que somente através da educação é possível mudar a sociedade, em que seu povo vive reprimido pela falta de conhecimento. Aliado a isso, o discurso freireano vai se esclarecendo a cada teoria e temática apresentada sobre a valorização e adequação de uma pedagogia libertária, que busca emancipar e democratizar os seres humanos das garras de seus opressores, passando da situação de coisa a uma pessoa livre e capaz de lutar por seus direitos; saindo de discursos ameaçadores, para discursos que os levem a um ponto crítico da realidade em que estão inseridos; problematizando-a na perspectiva de buscar a felicidade e a dignidade enquanto pessoa em um meio social e cultural; e o amor ao próximo, deixando claro que é preciso humanizar as pessoas para se ter uma educação libertadora que não se atenha apenas aos métodos e técnicas instrumentais do cartesianismo e sim que considere o todo, não como soma de todas as partes, como evidência a educação holística.

SOBRE A EDUCAÇÃO HOLÍSTICA

Na contemporaneidade é essencial trabalhar a questão do “eu” dentro das escolas, para que aconteça um desenvolvimento emocional, pessoal e social, capaz de formar alunos aptos a refletirem sobre perguntas como: Quem sou eu? O que posso ser um dia? Qual a minha missão para o futuro? Qual a minha relação com o outro? A busca pelas respostas para essas e outras perguntas integram o processo de uma educação para a libertação, para a autonomia e, conseqüentemente, para uma educação holística.

A quarta micronarrativa conta o relato de uma professora inovadora que criou um projeto que ajudou seus alunos a pensarem e refletirem sobre as várias situações as quais estavam inclusos.

QUARTA MICRONARRATIVA “As minhas várias indagações”

Sou pedagoga, atuante a mais de 20 anos em escolas públicas e particulares, quando saí da graduação e entrei no mercado de trabalho me vieram várias perguntas sobre que educadora gostaria de ser. A partir das dúvidas que me surgiram passei a trabalhar cada vez mais para obter respostas.

Quando ministrei aula pela primeira vez em uma escola pública, vi alunos que estavam sem motivação, não tinham expectativas para o futuro e que não sabiam explicar qual a sua habilidade, pois vinham de famílias pobres e analfabetas, que não os influenciavam e nem davam forças para estudar. Minha turma tinha uma aluna que sofria muito com a timidez e isso a atrapalhava no processo de socialização e de aprendizagem. Além disso, a sala era multicultural e os alunos vinham de várias realidades. Portanto, assim que a vi, considerei que era uma turma diversificada!

Como o ensino da época ainda era tradicionalista, em que os professores deveriam falar e os alunos apenas ouvir e reproduzir, nada podia sair do contexto das disciplinas. Mas, eu, queria mais, muito mais... Eu queria uma educação transformadora para que pudesse colocar esses alunos para serem protagonistas do seu próprio conhecimento, mostrando para eles que são capazes de chegar aonde eles quiserem através da educação.

Queria também que meus alunos soubessem lidar com diversas questões. Na época montei um projeto que se chamava “Minhas várias indagações”, que tinha como intuito fazer o aluno pensar e refletir sobre a realidade em que ele estava e a realidade que gostaria de ter daqui a alguns anos. Sempre nas execuções do projeto eu fazia perguntas como: Quem sou eu? O que posso ser um dia? Qual a minha missão para o

futuro? Qual a minha relação com o outro? Como está a minha sociedade e a minha escola? Perguntava também como eles queriam que fossem as aulas.

Tinha alunos que não sabiam responder. Porém, com muito trabalho integrado em que se valorizou o conhecimento prévio dos estudantes, ou seja, aquilo que eles aprendem em casa e na sociedade, depois de alguns dias percebi que eles já conseguiam formular respostas para as perguntas e assim buscavam entender como acontecia tudo a sua volta e o que poderiam melhorar.

Foi um projeto lindo e bem cansativo, pois estimular os alunos não é uma tarefa fácil. O estímulo veio por meio de diálogos, de uma conversa participativa em que não existia o certo ou o errado, pois o principal era fazer com que os estudantes pudessem emitir opiniões, posicionamentos e que houvesse uma socialização.

Depois desse projeto que ajudou muito meus alunos a se desenvolverem como educandos e como pessoa, descobri que quero ser uma educadora que possa trabalhar com os alunos as suas várias dimensões que estão relacionadas a sua aprendizagem, não focando apenas nos conteúdos programados pelo currículo.

Os educadores devem buscar métodos pedagógicos que incluam uma visão do todo sobre seus educandos. Visto que a educação holística traz essa compreensão do todo. No dicionário, a palavra holismo é derivada da palavra grega *holos*, que significa todo (HOLISMO, 2023). A Educação Holística surgiu na Declaração de Chicago, na Oitava Conferência de Educadores Holísticos no ano de 1990, onde vários educadores propuseram uma educação não fragmentada. Essa educação apresenta às pessoas um olhar sobre as relações com o mundo em que estão inseridas, visando uma colaboração para que se tenha uma relação coletiva e social harmônica, pois, o holismo abrange “o universo mais como um sistema de relações interligadas, tendo-se a consciência da totalidade e percebendo o ser na plenitude de sua essência” (CARDOSO, 1995, p. 49).

Barbosa (2010, p.14) destaca que a “[...] missão da educação holística consiste em promover e facilitar o processo evolutivo da consciência, contemplada esta como a capacidade de dar-se conta do ser, estar e atuar no mundo, assim como da realidade circundante”. Yus (2002) aborda que a diferença entre a educação holista e as demais é o fato dela considerar os aspectos espirituais e educar todas as dimensões que o ser humano carrega dentro de si, não ficando centrada apenas nas questões da intelectualidade. A dimensão espiritual dos educandos precisa estar no processo de formação, porque através dela se desenvolver vários comportamentos humanos, como o emocional, o intelectual e a intuição. Porém, a relação espiritualidade e educação é pouco conhecida nas escolas e universidades. A

espiritualidade que o holismo aborda não é a questão das “crenças”, “dogmas” ou de “instituições religiosas”, mas sim com a relação que se tem com os seres da/natureza (CARDOSO, 1995, p.37).

[...] somente através de um processo educacional amplo, plural e interdisciplinar envolvendo a saúde, a espiritualidade e a educação, poderemos encontrar uma posição conciliatória que contemple de maneira científica o lado material e espiritual do ser humano e avance em uma proposta de cuidar e de curar. (SANTOS; INCONTRI, 2010, p. 492).

Essas relações são pouco vistas e precisam ser alcançadas para que se consiga chegar a uma humanidade que tenha compreensão do que os rodeia e que saibam contemplar essas diversidades, consoante ao que autoras Santos e Incontri (2010) dizem sobre integrar esses métodos fundamentados como meios para “cuidar e curar” a sociedade a que se está integrada.

Quando se trata de trabalhar todas as formas de conhecimentos e dimensões existentes para a formação de pessoas, é necessário abordar os temas de modo integral, não o integral comumente visto nas escolas com um sistema de ensino diurno, mas uma integralidade que contemple e envolva todas essas dimensões. Maia e Araújo (2015, p.17) apontam que “[...] o conceito de integralidade na abordagem holística vai além de ser apenas um paradigma educacional, trata-se também de uma concepção acerca da vida, uma visão mais abrangente de mundo [...]”, assim relacionando tudo que está presente na realidade das pessoas, indo além do racional.

Para Morin (2000, p.37) o todo está atrelado à ultrapassagem de um simples contexto, para ele “[...] o todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo”. Assim, não é possível entender as partes se essas não estiverem atreladas ao contexto do todo.

Tendo o compromisso com a paz e a ética, a educação holística busca na ênfase dada à consciência a possibilidade de estabelecer novos comportamentos nas pessoas; numa interligação entre a ecologia pessoal (paz consigo) a ecologia social (paz com os outros) e a ecologia planetária (paz com a natureza) nas reaprendizagens de ações que beneficiem o conjunto de relação ao nível interpessoal e planetário, expandindo sempre as possibilidades de compreensão e melhoria para todos (CASTRO, 2002, p.36).

A educação holística busca, através da transdisciplinaridade, ofertar novos comportamentos às pessoas para que possam ajudar nas relações consigo e com o próximo, sejam eles seres racionais ou não (CASTRO, 2002).

Para Rocha Filho, Basso e Borges (2015, p.36), a transdisciplinaridade abrange “[...] os elos de ligação entre as disciplinas, os espaços de conhecimento que consubstanciam esses elos, ultrapassando-as com o objetivo de construir um conhecimento integral, unificado e significativo”, portanto transcende a disciplinaridade, e proporciona uma visão mais complexa do mundo. Os autores ainda salientam que a educação holística visa é uma “paz interior”. Para chegar nessa “paz interior” as pessoas precisam tomar consciência das suas próprias existências e do seu propósito. Weil (1989) destaca algumas características que precisam ser refletidas para essa tomada de consciência, que são:

- Unidade: é o desaparecimento da percepção dual Eu-Mundo;
- Inefabilidade: a experiência não pode ser descrita com a semântica usual;
- Caráter noético: um senso absoluto de que o que é vivido é real, às vezes muito mais real do que a vivência cotidiana comum;
- Transcendência do tempo-espaço: as pessoas entram numa outra dimensão; o tempo não existe mais, e o espaço tridimensional desaparece;
- Sentido de sagrado: o senso de que algo grande, respeitável e sagrado está acontecendo;
- Desaparecimento do medo da morte: a vida é percebida como eterna, mesmo se a existência física é transitória;
- Mudança do sistema de valores e de comportamento: muitas pessoas mudam os seus valores no sentido dos valores B de Maslow (Beleza, Verdade, Bondade, etc.). Há uma subestimação progressiva dos valores ditos materiais e do apego ao dinheiro. O Ser substitui o Ter (WEIL, 1989 apud REICHOW, 2016, p.165).

Essas são algumas características percebidas que levam as pessoas a refletirem sobre as totalidades cotidianas e reais. Isso colaborar para a tomada de consciência, pois, Pozatti (2012, p.156) diz que essa tomada de consciência ajudará os indivíduos a se desenvolvam nas suas relações interpessoais e intrapessoais de forma saudável e contribuindo para a “Cultura de Paz”. Assim, Morin (2000) aponta para quatro tipos de consciências que se deve ter para melhorar as relações terrestres e para a construção da sociedade civilizada, comunicativa e compreensiva, conforme, apresentam-se:

- a consciência antropológica, que reconhece a unidade na diversidade;
- a consciência ecológica, isto é, a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera): reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometico do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a Terra;

- a consciência cívica terrena, isto é, da responsabilidade e da solidariedade para com os filhos da Terra;
- a consciência espiritual da condição humana que decorre do exercício complexo do pensamento e que nos permite, ao mesmo tempo, criticar-nos mutuamente e autocriticar-nos e compreender-nos mutuamente (MORIN, 2000, p. 76-77).

Esses tipos de consciências ao serem firmadas em todas as pessoas contribuem para que as tomadas de decisões sejam feitas de forma reflexiva na diversidade que existe dentro da sociedade. Com isso, “[...] transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação [...]” (MORIN, 2000, p.78). Assim é necessário romper com as formas de ensino fragmentadas e materialistas, que buscam maneiras de ensino apenas voltadas para o mercado de trabalho e não para a formação humana, que colabora para uma vida social desconectada, ou seja, as pessoas se sentem inseguras e com medo uma das outras devido aos grandes índices de violências.

[...] o desenvolvimento de aptidões gerais da mente permite melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas. Quanto mais poderosa é a inteligência geral, maior é sua faculdade de tratar de problemas especiais. A compreensão dos dados particulares também necessita da ativação da inteligência geral, que opera e organiza a mobilização dos conhecimentos de conjunto em cada caso particular (MORIN, 2000, p.39).

Desta maneira a educação deve proporcionar o desenvolvimento da inteligência geral, para que as pessoas consigam chegar, de maneira sábia, às soluções de seus problemas, independentes de sua dimensão. A educação holística procura apresentar nos seus currículos contextos que incluam o indivíduo com suas experiências globais, que envolvem o corpo, a mente, as emoções e o espírito. Essa educação não está centrada apenas nos conhecimentos básicos das disciplinas ministradas, objetivando que seus aprendentes tenham pensamentos críticos sobre as várias áreas do conhecimento, realizando a inter-relação entre todas as disciplinas e o todo da sua realidade. Assim, essa educação busca trazer elos entre as seguintes relações a seguir apresentadas:

- Relações entre pensamento linear e intuição.
- Relações entre mente e corpo.
- Relações entre domínio de conhecimento (Abordagens interdisciplinares).
- Relações entre o eu e a comunidade (Desenvolvimento de habilidades interpessoais, de serviço comunitário e de ação social).
- Relações entre o eu e o Eu (parte mais profunda de nós mesmos, tendo como veículos de conexão a música, a dança, a poesia, a pintura, o drama, etc.) (YUS, 2002, p.15).

Quando se trabalha essas relações no contexto educacional, as pessoas passam a cooperar para que a sociedade seja cada vez mais “sociável”, visto que dentro do âmbito educacional são trabalhadas para serem progressivamente aperfeiçoadas e postas em prática. A concepção holística almeja o equilíbrio de algumas oposições existente na sociedade, como Oliveira (2012, p.22) aponta que “[...] o holismo ressalta a necessidade de alcançarmos um equilíbrio em dicotomias tais como: homem/mulher, independência/interdependência, racional/intuitivo, hierarquia/rede, tecnologia/consciência e outros, que vem tomando a frente da sociedade, ainda mecanicista e reducionista”.

Assim, percebe-se a necessidade de enfatizar que em algumas situações essas dicotomias são as portas para muitas discussões e situações preconceituosas, que precisam de um “equilíbrio” para as convivências entre as pessoas. Percebe-se a necessidade de a intelectualidade estar em equilíbrio com os demais desenvolvimentos pessoais, a exemplo, o desenvolvimento emocional. Quando a pessoa toma consciência e trabalha a para a desconstrução dessas dicotomias, percebendo que a sociedade a qual está inserida é formada por uma grande diversidade e que todas as diferenças devem ser tratadas com respeito, almejando uma sociedade que preza pela democracia.

Toda educação que tenha como intuito a progressão da cidadania e o holismo como base deve apresentar aos alunos os pilares da educação necessários aos aprendizados no decorrer da vida. Assim, os quatro pilares (da educação são relevantes, pois, **Aprender a conhecer** (DELORS, et. al., 1996 apud CARVALHO, 2015, grifos nossos) pensar o novo para re-constituir e reinventar o novo e o pensar), **Aprender a fazer** (potencializar o espírito colaborativo, enfrentar situações adversas, trabalhar em equipe, resolver conflitos entre outros), **Aprender a conviver** (administrar conflitos, aprender a viver com a diversidade, dilatar a percepção de interdependência entre outras), **Aprender a ser** (ser sensível; ético; ter pensamento autônomo, crítico, imaginativo, criativo e valorizar as potencialidades de cada uma das pessoas).

Esses quatro pilares ajudam os seres humanos no seu pleno desenvolvimento em sociedade e nas suas tomadas de decisões centradas na totalidade que a educação holística propaga. Entretanto, a quinta micronarrativa relata a experiência

de uma assistente social e saiu encantada com a energia que uma educação centrada nos quatro pilares pode proporcionar aos alunos.

QUINTA MICRONARRATIVA **Descobri isso com os universitários...**

Sou mulher, mãe de família, casada e tenho um filho que está para completar dois aninhos. Apesar de ser recém-formada em serviço social, fui convidada por uma professora, que está organizando um Seminário sobre humanidades na universidade, para dá uma palestra sobre o Maio Laranja.

Quando entrei no Campus vi vários grupinhos conversando, atitude normal e saudável para o ambiente universitário. Só que teve um grupo em que havia estudantes de todos os estilos, de várias tribos e eles conversavam como se não houvesse rivalidades ou preconceitos entre eles. Ao me aproximar, ouvi o que eles falavam de um professor e só se ouvia elogios. Perguntei a eles o que esse professor tinha de tão diferente dos demais. Eles me responderam que era a metodologia de ensino adotada pelo docente. Uma moça complementou dizendo que o professor tem “consciência da importância dos quatro pilares na vida dos alunos e então os englobam aos seus trabalhos”, tão de pressa percebi que não sabia o que era os quatro pilares.

Eu só conseguia pensar “Meu Deus, o que são esses quatro pilares?”

Um dos alunos percebeu que eu não havia entendido e calmamente me explicou, - você sabe que para uma cadeira conseguir sustentar nossos corpos ela precisa de quatro pernas, né?! Respondi que sim e ele continuou, - com essa metáfora quero que você entenda que a metodologia que o professor utiliza é fundamentada nos quatro pilares e que cada perna representa um pilar, são eles: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e aprender a ser.

Assim o professor trabalha de forma que possamos nos apoiarmos nesses pilares para a formação humana, por isso ele busca por uma educação totalizadora e que se equilibre e se sustente nesses quatro pilares. O professor busca não apenas contribuir para uma vivência universitária, mas contribuir para nossa formação em todos os contextos sociais. A cada aula dele me sinto preparado para lidar com cada dimensão social que estávamos sujeitos a vivenciar. Pois bem, espero que tenha ajudado-lhe na compreensão.

Agradei a explicação e me retirei da roda de amigos, fiquei fascinada e com total compreensão do porquê tamanhos elogios ao professor.

Quando passei pelo corredor encontrei o professor e lhe parebenizei pelo belíssimo trabalho e metodologia usada com seus acadêmicos. O professor agradeceu e disse: busco sempre fazer com eles desenvolvam sua capacidade de pensar-refletir-agir e ajudar no “desenvolvimento do aprendizado” para que sejam alunos “mais pensantes” e se tornem cidadãos capazes de tomar deliberações certeiras em suas vidas. Assim, conversávamos e caminhávamos em direção ao auditório. Naquele dia eu saí de lá com

um grande aprendizado do que são e a importância dos quatros pilares para a formação de uma pessoa.

As várias funções dos Pedagogos-educadores está em trabalhar a formação profissional e intelectual dos indivíduos, além de ajudar na construção de saberes necessários para uma vida pessoal e social com plenitude. A educação holística vem como método de colaboração, para que o ser humano tenha total relação e entendimento com tudo que o cerca, buscando assim uma melhor desenvoltura e transformação dos indivíduos em uma sociedade onde há uma grande diferenciação com tudo e com todos, mas que através da educação pode acontecer um reconhecimento do “todo” para a aquisição de conhecimentos vigentes e para uma boa formação profissional e pessoal. Além do mais o vínculo do homem com o todo ajuda durante esse processo de transformação para que ele possa se tornar um ser empático, solidário e capaz de sobressair das dicotomias que ainda hoje estão presentes no âmbito educacional.

A educação holística busca sempre trazer o homem como centro de todo o ensino, isso se aproxima da proposta de Paulo Freire, de uma educação consciente, autônoma, libertadora e humanizada, discutida no capítulo anterior.

REFERÊNCIAS

Referências Gerais

ADORNO, T. W. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.

ALIMONDA, H. La naturaleza colonizada. **Ecología Política y minería en América Latina**. Buenos Aires: Ciccus, Clacso, 2011.

AZEVEDO, C. G.; MAURO, F. Y. C. A influência da mídia na instrumentalização e coisificação da mulher: uma violação de direitos humanos. **Rev. de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 4, n. 2, p. 119 – 136, Jul/Dez. 2018.

AZEVEDO, C. C. P. **O Papel Político e Ideológico do Professor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – PUC São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/AZEVEDO%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

BARBOSA, A. G. A educação holística: enquadramento teórico. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, n. 9, p. 7-23, 1 jan. 2010.

BASTOS, L. M. **Subjetividade e coisificação: um estudo introdutório**. Linhas Críticas, Brasília, v. 13, n. 25, p. 203-218, jul./dez. 2007.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida Para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BESSA, B. Fome de Educação. **Tudo é Poema**. 2021. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-fome-de-educacao/>. Acesso em 09 maio 2023.

BEZERRA, L. M. **Arqueologia antropofágica em rotas não lineares**: narrativas educacionais reveladas no sertão maranhense. Programa de Pós-graduação em Educação (Doutorado em Educação). Sorocaba: Uniso, 2022.

BEZERRA, L. M.; MARTINS, C. S. A produção de sentido adentra o cotidiano universitário: nos rastros da formação de professores. **VIII Congresso Nacional de Educação**, Maceio-AL: Realize, 2022.

BEZERRA, L. M.; CORRÊA, T. H. B. Pelos caminhos das narrativas ficcionais: uma proposta de itinerário. In: CORRÊA, T. H. B.; BEZERRA, L. M. **Perspectiva Ecologista de Educação**: o legado reigotiano nos cotidianos aprendentes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

BOSCO FILHO, J. et al. Prostituição de menores em Mossoró/RN. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 48, São Paulo, 1996. **Resumo** São Paulo, 1996. p. 223.

BUENO, N. L. **Tecnologia educacional e reificação** : uma abordagem crítica a partir de Marx e Lukács, 2013. 503 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

CARDOSO, C. M. **A canção da inteireza**: uma visão holística da educação. São Paulo: Summus, 1995.

CARVALHO, V. P. **Minha escola, meu meio**: projeto que busca aprimorar a qualidade do meio ambiente escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Ambiental em Municípios) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2015.

CASTRO, E. Q. **Formação do educador e educação holística para a não-violência**: construção de práticas pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Estado Da Bahia/Universidade Do Quebec, 2015.

CHAPLIN, C. **Tempos Modernos**. Roteiro, Produção e Direção do longa metragem de Charlie Chaplin. Gênero Comédia, Estados Unidos da América, 1936, 86 min.

CORRÊA, T. H. B.; ALCÂNTARA, E. A. R.; EVANGELISTA, K. F.; SANTOS, K. C. S. G.; BEZERRA, L. M. O narrar-se no tempo do fazer docente como arte de conceber pesquisa em educação. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e7392, p. 1-18, 2023.

CORRÊA, N. K.; CARVAJAL, C. A. R. **Freire, Educação Libertária e Anarquismo**. PhilPapers, 2021. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/CORFEL>. Acesso em: 24 de Abril de 2023.

DANTAS, D. A superação da reificação na educação e formação humana pela dialética. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, v. 7, n. 10, p. 183–197, 2022.

DE OLIVEIRA, C. B.; DE ASSIS, L. L. Contribuições Freireanas à Educação Ambiental Crítica. **Brazilian Journal of Developmen**, v. 8, n. 1, p.3925–3936, 2022.

DIAS, V. Relatos de psicólogos mostram casos de racismo no cotidiano. **Jornal da USP**. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/casos-de-racismo-no-cotidiano/>, Acesso em: 23 maio 2023.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, p. 257-272, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GALLO, S. **Subjetividade, Ideologia e Educação**. Campinas: Alínea, 2009.

GALON, A. L. **Objetificação Feminina**: Ela não é coisa para você. YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V5IH52sm8RU>. Acesso em 05 jun. 2023.

GESSINGER, H. **Terra de Gigantes**. In: ENGENHEIROS DO HAVAIÍ. A Revolta dos Dândis. São Paulo: RCA, 1987.

HABOWSKI, A. C.; CONTE E.; FLORES; H. R. FI. Educação violência na teoria crítica de Adorno. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 231-245, jan./mar. 2018.

HOLISMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/holismo/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

JESUS, J. G. Operadores do direito no atendimento às pessoas trans. **Revista Direito e Práxis**, vol. 7, núm. 15, 2016, p. 537-556.

JUSTIÇA DO TRABALHO MG. **NJ Especial** - Racismo e injúria racial no mercado de trabalho: profissionais lutam contra a discriminação. 2018. Disponível em <https://portal.trt3.jus.br/internet/conheca-o-trt/17-03-2017-06-04-acs>. Acesso em 02 abr 2023.

KEHL, M. R. **O Tempo e o Cão** – a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M, A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed., São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, S. G. A.; MOREIRA, C. A. L. Os moradores de rua e o trabalho: o limiar deste mundo complexo. **Revista Avaliação de Políticas Públicas (AVAL)**, Fortaleza, ano 2, v. 3, n. 3-4, p. 17-25, jan./dez. 2009.

LOPES, A. F. M. Filme "Tempos Modernos", de Charles Chaplin, completa 80 anos. Modernizamos? **Mingalhas**. 2016. Disponível em: <https://www.mingalhas.com.br/depeso/242651/filme--tempos-modernos---de-charles-chaplin--completa-80-anos--modernizamos>. Acesso em 05 abr. 2023

MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MAIA, A. S. C. **Telenovela Projeção, identidade e identificação na modernidade líquida**. Brasília: E-Compós, 2007.

MAIA, J. M.; ARAUJO, T. C. S. **Contribuições da abordagem holística para a educação**: um olhar sobre a integralidade. UFPE, 2015. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/MAIA%253B%2BARAUJO%2B-%2B2015.2.pdf>. Acesso em: 06 maio 2023.

MARCONDES FILHO, C. **A televisão: a vida pelo vídeo**. SP: Moderna, 1993.

MARKO, K.; REINHOLZ, F. “Nós somos o corpo coisificado, o corpo fetiche”, constata a trans Helena Meireles. **Brasil de Fatos**. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/15/nos-somos-o-corpo-coisificado-o-corpo-fetiche-constata-a-trans-helena-meireles>. Acesso em: 20 maio 2023.

MARTINS, J. S. **Sobre o modo capitalista de pensar**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MARTINS, L. M. Da formação humana de Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, N. (org.) **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **Manuscritos econômicos- filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARX, K; ENGELS, F, **Textos sobre a Educação e Ensino**. S.P.: Centauro, 2004.

MENDONÇA, N. J. A. **A humanização na pedagogia de Paulo Freire**. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFPE, Recife, p.45, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4507/1/arquivo5382_1.pdf. Acesso em: 26 abr. 2023.

MONTEIRO, M. G. S.; SUTIL, M. Z. O.; BONFIM, R. J. A influência dos quatros pilares da educação na formação do cidadão. **Anais do 3º Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e Tecsuma**. 2020; 1470-1485. Disponível em: <https://finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/202102240902339.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NASCIMENTO, M. I. M.; SILVA, R. M.; GRACIANO, E. R. A coisificação do homem nas relações de educação e trabalho. In: **Anais Eletrônicos [...]** Campinas: UNICAMP, 2016, p. 1- 15. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/875-2861-1-pb.pdf> Acesso em: 24 de set. de 2022.

NETO, E. S.; FRANCO, E. S. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. **Revista de Educação do Cogeime** – Ano 19, nº-36, p.9-25, janeiro/junho 2016.

OLIVEIRA, D. Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica. In: OLIVEIRA, D. **Fundamentos teórico-conceituais de uma perspectiva histórico – crítica do racismo estrutural**. São Paulo : Editora Dandara, 2021. p. 59-95.

OLIVEIRA, J. R. **Blogs pedagógicos: possibilidades de uma educação holística**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-RS, p.127. 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3709/1/437553.pdf>. Acesso em: 08 maio 2023.

PADILHA, V. **Shopping Center** – a catedral das mercadorias. S.P.: Boitempo, 2006.

POZATTI, M. L. Educação para a Inteiraza do Ser: uma caminhada. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2012.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E.; CASTRO-GÓMEZ, S. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**: perspectivas latino americanas. Buenos Aires: Consejo Latino americano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 193-238

RAMOS, S. P. Moda e consumo: personificação das coisas e coisificação das pessoas. In: **Anais** – 2º Colóquio de Moda. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 1, n. 1, p. 1-10, out. 2015, p. 1.

REICHOW, J. R. C. Educação, Espiritualidade e Saúde, In: SOARES, E. M. S. RECH, J. (Orgs). **Educação e espiritualidade**: tessituras para construção de uma cultura de paz. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 158-174.

REIGOTA, M. **Ecologistas**. São Paulo: Cortez, 1999.

RESENDE, A. M. O. Personalismo de Mounier – proposta de educação voltada para a pessoa. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 6, n. 2, p. 289-299, 2011.

RODRIGUES, J. B. **Racismo e evasão escolar**. Monografia (Literatura em Ciências Sociais) - UFRS, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/pdf?Allowed=y> Acesso em: 02 de abril de 2013.

ROITBERG, J. C. Sociedade de informação: é possível (querer) desconhecer?. **Revista Teias**, v. 12 • n. 25• 288-301 • maio/ago. 2011.

SÁ, G. M.; DURATE, A. J. Paulo Freire: a pedagogia da libertação e o homem liberto em sua totalidade. **Educativa**, Goiânia, v. 24, p. 1-21, out. 2021.

SANTOS, F. S.; INCONTRI, D. A arte de cuidar: saúde, espiritualidade e educação. **O Mundo da Saúde**, v. 34, n. 4, p. 488-497, 2010.

SILVA, A. F.; GOMES, S. S. O reformismo capitalista e os contrassensos entre o movimento escola nova e a educação socialista. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.18, n.49, 2023.

SILVA, A. K. et al. Educação: alienação ou libertação? In: TAVARES, E. S. (Org.) **Paulo Freire** presente! São Paulo: Liber Ars, 2019, p. 55 -61.

SILVA, D. C. da; THERRIEN, J. Cultura do silêncio e educação libertadora: Aportes freirianos. **Educação**, Porto Alegre, v.45, n. 1, p. 1-10, jan-dez. 2022.

SOUZA, J. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. B.H.: UFMG, 2006

STECANELA, N. A Coisificação da Relação Pedagógica no Cotidiano Escolar. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 3, p. 929-946, jul./set. 2018.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. 5.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

TONY, L. V. S. Luxúria: coisificação da mulher e a evolução do machismo. **Correio do Estado**. 2016. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/-a-evolucao-do-machismo/280711/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

YUS, R. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Referências consultadas que inspiraram as micronarrativas

ABREU, K. Debate: A prostituição deveria ser regulamentada?. **Super Interessante**. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/debate-a-prostituicao-deveria-ser-regulamentada>. Acesso em: 22 maio 2023.

BARBOSA, C. **Cor, gênero e classe**: os desafios da mulher preta. Brasil de Fatos. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/cor-genero-e-classe-os-desafios-da-mulher-preta> . Acesso em: 23 maio 2023.

FERRERO, C. Por que as modelos aparecem nuas em anúncios de calçados? **El País**. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/453748.html> . Acesso em: 05 jun. 2023.

FREIRE, T. Pessoas trans ainda convivem com alto grau de invisibilidade social. **Brasil de Fatos**. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/-trans-ainda-convivem-com-alto-grau-de-invisibilidade-social>. Acesso em: 20 maio 2023.

FREITAS, H. Governo estadual multa ex-aluno da FGV por racismo em R\$ 34 mil. **Veja São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades-por-racismo-em-r-34-mil>. Acesso em: 23 maio 2023.

G1 CEARÁ. **Jovem negro diz ter sido agredido por homens brancos durante jogo do Brasil e pode perder visão**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/12/01/jovem-negro-diz-ter-sido-agredido-por-homens-brancos-durante-comemoracao-de-jogo-do-brasil-e-corre-risco-de-perder-visao-em-fortaleza.ghtml> . Acesso em 18 abr 2023.

ISTOÉ. Primeiro homem trans da Aeronáutica luta para que seus direitos sejam reconhecidos. 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/primeiro-homem-trans-direitos-sejam-reconhecidos/>. Acesso em: 20 maio 2023.

LUIZ, B. Ser: histórias de vida de homens e mulheres trans. **YouTube**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/&v=c4nRJ-POakc>. Acesso em: 20 maio 2023.

PSICOLOGIA CONTÊMPORANEA. Relatos de Homens Trans. **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mbM79Sz0hiI>. Acesso em: 20 maio 2023.

REINHOLZ, F. As vidas Trans precisam ser humanizadas, reconhecidas socialmente”, **Brasil de Fatos**, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatos.com.br/as-vidas-trans-precisam-ser-humanizadas-reconhecidas-socialmente-afirma-thales-avila>. Acesso em: 20 maio 2023.

POSFÁCIO

Larissa Alves Jorge e Leonardo Mendes Bezerra tiveram a brilhante ideia de pesquisar sobre a não-coisificação humana na perspectiva da educação libertadora. Essa obra, fruto da pesquisa do trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia, na Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, reflete um olhar e pensamento fino para uma temática relevante no dia-a-dia.

No livro foram tratados temas que se reencontraram com o assunto central e foram enriquecidas pelas micronarrativas ficcionais construídas através de reportagens e do conhecimento empírico vivenciado por Larissa e supervisionada sob o olhar do meu amigo, o Prof. Dr. Leonardo Bezerra.

Foi discutido uma temática que não advém da atualidade mas que está gritando no presente momento que é a coisificação humana em diversas instâncias sociais. Seguindo assim os autores trouxeram a discussão sobre a pedagogia da libertação embasada no pensamento do grande patrono da nossa educação brasileira e trouxe o seguinte questionamento em uma micronarrativa: é preciso humanizar os seres humanos? Para tanto, também trouxeram à tona a importância da educação holística para a solidificação da educação libertadora e para a não-coisificação dos seres humanos.

Nesse contexto, depreendemos que para libertar as pessoas das armadilhas sociais é fundamental que elas sejam humanizadas. Sendo assim, é um livro bem recomendado à leitura para a compreensão do assunto abordado.

Outubro do ano de 2023.

Profa. Dra. Laíra de Cássia Barros Ferreira Maldaner
Professora e Diretora do Curso de Letras da UEMA/Balsas

SOBRE OS AUTORES

Larissa Alves Jorge

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Balsas. Integra a equipe do grupo de pesquisa “DEVIR – Núcleo de Investigação em Cotidiano, Educação e Inventividade” (UEMA/CNPq) e é Professora no Colégio Saber, em Balsas-MA. E-mail: larissajorge03@gmail.com

Leonardo Mendes Bezerra

Doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba – UNISO/SP; Mestre em Ciências Ambientais pelo Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica/GO, Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás, Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional – Uninter/PR; Licenciado em História pela Universidade Pitágoras/Unopar/Anhanguera. Professor Adjunto I na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Balsas, onde também atua como Diretor do Curso de Pedagogia e Chefe do Departamento de Educação. Líder do Grupo de Pesquisa “DEVIR – Núcleo de Investigação em Cotidiano, Educação e Inventividade” (UEMA/CNPq), é o Segundo Líder do Grupo de Pesquisa “NINA – Núcleo de Investigação da Narrativa” (UEMA/CNPq) e é Pesquisador no grupo “Perspectiva Ecologista de Educação”(UFTM/CNPq). E-mail: leonardobezerra@professor.uema.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9781-0047>

Livro publicado com o apoio do Grupo de Pesquisa



EDUCAÇÃO LIBERTADORA PARA A NÃO-COISIFICAÇÃO HUMANA EXPRESSA EM MICRONARRATIVAS FICCIONAIS

A decolonialidade deve ser trabalhada na sociedade para desconstruir atitudes coloniais. Trabalhar com o enfoque na desconstrução de casos que levam as pessoas a se autocoisificar ou serem transformadas em coisas. Em virtude de a educação ser a chave para a saída de uma realidade desumana, é fundamental que se tenha como base educações que privilegiem não somente a construção de saberes escolares, mas saberes necessários à construção de pessoas aptas ao convívio em sociedade. Assim, esta obra apresenta a análise da educação libertadora colabora para a não coisificação humana. Os dados estão expressos em micronarrativas ficcionais, construídas a partir de reportagens e relatos ouvidos no cotidiano, ficcionadas para preservar o anonimato das informações apresentadas. Ao final da pesquisa percebeu-se que para libertar as pessoas das armadilhas da sociedade precisa-se primeiro humanizá-las.

Autor

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91984735110
Belém, Pará, Brasil

